

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

“Então o meu pensamento é assim”:

Fórmulas de fechamento em Português Kaxinawá e seu papel em interações transculturais

João Pedro Peres da Costa

Rio de Janeiro

2021

João Pedro Peres da Costa

DRE: 117048573

“Então o meu pensamento é assim”:

Fórmulas de fechamento em Português Kaxinawá e seus usos em interações transculturais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciado em Letras: Português-Espanhol.

Orientadora: Beatriz Protti Christino

Rio de Janeiro

2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao Povo Kaxinawá, que são os principais interlocutores deste trabalho de investigação e sem os quais nada disso seria possível. Também agradeço aos demais colaboradores e colaboradoras de pesquisa que contribuíram não só com entrevistas sociolinguísticas, mas também prestando apoio nas viagens de campo que minha orientadora, Beatriz, fez ao Acre.

Agradeço à UFRJ e ao CNPq, por financiarem a pesquisa apresentada aqui nesta monografia por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Também aproveito para agradecer às equipes que constroem a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Universidade Federal da Integração Latinoamericana, por proporcionarem a mim e a muitas outras pessoas uma formação pública, gratuita, e de altíssima qualidade.

Agradeço à minha orientadora, Beatriz Protti Christino, que me ensinou, dentre muitas outras coisas, que pesquisa não se faz sozinho, e também aos meus colegas Gabriel Ferrarez, Carlos Chacon, Julia Guimarães e Igor de Souza que ajudaram a provar isso fazendo parte do nosso grupo de pesquisa.

Também agradeço às professoras Leticia Rebollo, Johana Pardo, Aline Ponciano, Flávia Ferreira, Marcia Machado, Violeta Rodrigues, Célia Lopes, Ana Flávia Gerhardt, Mônica Orsini, Mônica Houri, Maria Fernanda Oliveira, Silvana Fernandez, Adriana Delgado, Maria Eta Vieira, Laura Ferreira, Larissa Tirloni, Simone Carvalho, Natalia Figueiredo, Patricia Queiroz, Jorgelina Tallei, Angela Souza, Franciele Martiny, Juliana Campos e aos professores Antônio Andrade, Antônio Ferreira, Carlos Alexandre Gonçalves, Waldemir Rosa, Mario Ramao, Ariel Matias, Jean Gomes e Miguel Mateo por me inspirarem e contribuírem para minha formação acadêmica e profissional.

Não posso deixar de agradecer às amigas que fiz durante a graduação e que faziam do meu dia-a-dia na faculdade um momento mais prazeroso. Obrigado Vivian Krishna, Amanda do Valle, Juan Roca, Nathalia Barreto, Morgana Kropf, Amanda Cardim, Beatriz Joras, Luana Costa, Laura Calzolari, Eduardo Suzarte, Samuel Costa, Letícia Portela, Gabriel Bier, Bárbara Santos, Nathalia Alcáçova, Carolina Garcia, Estevão Bonotto, Letícia de Sá, Victor Dias, Gayané Laratore, Ana Pimentel, Fernando Bacellar, Carolina Torres, Brune Medeiros, Kaleb Marques, Haniela Camila, Mateus Fuchs, Giovana Christ, Fernando Lezme, Oswaldo Silva, Analía Galván, Rocio Gonzalez, Gabriel Silva, Helio Pereira, Laura Alejandra, Veroska Ramirez, Dea Acosta, Miguel Ayala, Eileen Zapata, Maria Aparecida, Joselaine Raquel, Ana Carolina Pires, Vitoria Campos, Vanessa Nunes, Millena Fiuza, Matias

Mendieta, Yanderi Pausayu, Gilmar Chamorro, Rosilda Lopes, Nathalia Nunes, Javier Lorenzo e Genilda Kaingang.

Agradeço aos amigos e amigas que fiz antes da faculdade e que continuaram me apoiando durante a minha trajetória acadêmica. Obrigado Marina Totis, Pamella Rothstein, Mariana Regazzi, Luísa Barbeito, Dafne Godoy, Maria Antônia Proença, Beatriz Bessa, Giullia Pontual, João Pedro Zandoná, Maria Eduarda Coelho, Pedro Cavalcanti, Julia Crivellari, Rodrigo Galvão, Enzo Mansano, Guilherme Rocha, Dharana Araújo e Giovana Taboada.

Agradeço ao Raphael Bela, por sempre me apoiar e estar ao meu lado nos momentos difíceis, assim como para compartilhar os êxitos e as felicidades. E por fim, agradeço a minha família, Mauro Costa, Marcia Peres, Gabriel Peres, Sueli Peres, José Luz, Marta Peres, Mozart Junior, Dayse May, Vilma Carvalho e Fernanda Souto que cuidaram de mim desde pequeno e muitos continuam cuidando e me apoiando nas minhas decisões.

Obrigado a todas e todos vocês que contribuíram para que isso fosse possível.

RESUMO

PERES DA COSTA, João Pedro. **“Então o meu pensamento é assim”**: Fórmulas de fechamento em Português Kaxinawá e seu papel em interações transculturais. Rio de Janeiro, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Português-Espanhol) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

Esta monografia enfoca um fenômeno discursivo-interacional inicialmente identificado através da observação de transcrições de situações comunicativas em que estavam presentes participantes Kaxinawá: as fórmulas de fechamento de tópico e turno. Tais fórmulas, como, por exemplo, “é isso que é meu ideia” e “então o meu pensamento é assim”, se assemelham a estruturas formulaicas recorrentes em narrativas tradicionais e contemporâneas na língua Kaxinawá (ABREU, 1914; CAMARGO e VILLAR, 2013). Os Kaxinawá (*Huni Kuin*) são um povo originário da América do Sul, da família etnolinguística Pano, vivendo na região de fronteira Brasil-Peru. No lado brasileiro, estão em 12 terras indígenas no oeste do Acre, sendo que, neste estado, são o povo originário de maior população (mais de doze mil pessoas segundo a Federação do Povo Huni Kuin do Estado do Acre, FEPHAC). Uma parcela considerável dos Kaxinawá no Brasil é bilíngue em Kaxinawá (*Hãtxa Kuin*) e Português. O objetivo central desta monografia é evidenciar o funcionamento, em interações transculturais, das estratégias discursivas que denominamos “fórmulas de fechamento”. Para isso, utiliza uma metodologia interpretativa, ancorada em transcrições grafemáticas das interações selecionadas e no exame tanto das funções interacionais quanto das configurações estruturais das fórmulas de fechamento encontradas. Balizado nos referenciais teórico-metodológicos da Sociolinguística Interacional e da Análise da Conversação Etnometodológica, o percurso de pesquisa abordado nesta comunicação também tomou como central a observação das dinâmicas de trocas de turno de fala, do desenvolvimento dos tópicos discursivos e das negociações partilhadas de estruturas de participação na fala-em-interação. A pesquisa se baseia em dois tipos de materiais de análise:

a) entrevistas sociolinguísticas coletadas em formato de áudio em 2014, em trabalho de campo realizado por minha orientadora com apoio da FAPERJ; e b) materiais audiovisuais disponíveis em plataformas online de livre acesso e coletados entre 2020 e 2021. Tanto naquelas quanto nestes, participantes Kaxinawá interagem, usando sua variedade étnica da língua portuguesa, com interlocutores não-indígenas. Os principais resultados apontam que fórmulas de fechamento foram usadas quase que exclusivamente por parceiros interacionais Kaxinawá, podendo constituir parte da sua etiqueta interacional. As fórmulas se construíam predominantemente com o verbo cópula “é” seguido dos anafóricos “isso” ou “assim”, sendo comum, também, haver menções ao tópico abordado ou à própria dimensão discursivo-interacional em jogo. Algumas das funções discursivo-interacionais que essas fórmulas desempenham são: a) sinalizar o fim de um turno de fala, b) delimitar o desenvolvimento de um tópico discursivo, e c) finalizar eventos comunicativos inteiros.

Palavras Chave: Povo Kaxinawá; Fórmulas de Fechamento; Turno de Fala; Tópico Discursivo; Português Indígena.

RESUMEN

PERES DA COSTA, João Pedro. **“Então o meu pensamento é assim”**: Fórmulas de fechamento em Português Kaxinawá e seu papel em interações transculturais. Rio de Janeiro, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Português-Espanhol) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

Este texto monográfico se enfoca en un fenómeno discursivo e interaccional inicialmente identificado a través de la observación de las transcripciones de situaciones comunicativas en las que se hacían presentes participantes Cashinahua: las fórmulas de cierre de tópico y turno. Estas fórmulas, como, por ejemplo, “é isso que é meu ideia” y “então o meu pensamento é assim”, son similares a estructuras formulaicas recurrentes en narrativas tradicionales y contemporáneas en la lengua Cashinahua (ABREU, 1914; CAMARGO e VILLAR, 2013). Los Cashinahua (*Huni Kuin*) son un pueblo originario de Sudamérica, de la familia etnolingüística Pano y viven en la región de la frontera Brasil-Perú. En el lado brasilero, están en 12 tierras indígenas en el oeste del estado de Acre, y, en este estado, son el pueblo originario con población más grande (más de doce mil personas según la Federación del Pueblo Huni Kuin del Estado de Acre, FEPHAC). Una parte considerable de los Cashinahua en Brasil es bilingüe en Cashinahua (*Hãtxa Kuin*) y Portugués. El objetivo central de esta monografía es evidenciar el funcionamiento, en interacciones transculturales, de las estrategias discursivas que hemos denominado “fórmulas de cierre”. Para ello, utiliza una metodología interpretativa, basada en transcripciones grafemáticas de las interacciones seleccionadas y en el análisis no solo de las funciones interaccionales sino también de las configuraciones estructurales de las fórmulas de cierre encontradas. Balizado en los referenciales teóricos y metodológicos de la Sociolingüística Interaccional y del Análisis de la Conversación Etnometodológico, el percurso de investigación abordado en esta comunicación también tomó como central la observación de las dinámicas de alternancia de turno de habla, el desarrollo de los tópicos discursivos y las negociaciones compartidas de estructuras de

participación en el habla-en-interacción. La investigación se basa en dos tipos de materiales de análisis: a) entrevistas sociolingüísticas recolectadas en formato de audio en 2014, en trabajo de campo realizado por mi orientadora con apoyo de FAPERJ; y b) materiales audiovisuales disponibles en plataformas online de libre acceso y recolectados entre 2020 y 2021. En ambos grupos de materiales, participantes Cashinahua interactúan a partir de su variedad étnica de la lengua portuguesa, con interlocutores no-indígenas. Los principales resultados señalan que solo interlocutores Cashinahua utilizaron fórmulas de cierre, lo que puede constituirse como parte de su etiqueta interaccional. Las fórmulas se construían predominantemente con el verbo cópula “é” seguido por los anafóricos “isso” o “assim”, también es común haber menciones al tópico abordado o a la propia dimensión discursiva e interaccional en juego. Algunas de las funciones discursivo-interaccionales que las fórmulas cumplían son: a) señalar el final de un turno de habla, b) delimitar el desarrollo de un tópico discursivo, y c) finalizar eventos comunicativos enteros.

Palabras Clave: Pueblo Cashinahua; Fórmulas de Cierre; Turno de Habla; Tópico Discursivo; Portugués Indígena.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Entrevistas sociolinguísticas com colaboradores(as) Kaxinawá -----	35
Tabela 2: Materiais audiovisuais coletados em plataformas de livre acesso -----	36
Tabela 3: Ocorrências de fórmulas de fechamento por falante e sua localização nas entrevistas sociolinguísticas -----	51
Tabela 4: Ocorrências de fórmulas de fechamento por falante e operador nas entrevistas sociolinguísticas -----	52
Tabela 5: Ocorrências de fórmulas de fechamento segundo configuração estrutural nas entrevistas sociolinguísticas -----	52
Tabela 6: Ocorrências de fórmulas de fechamento de estrutura mais complexa nas entrevistas sociolinguísticas -----	53
Tabela 7: Ocorrências de Fórmulas de Fechamento nos materiais audiovisuais coletados em plataformas de livre acesso -----	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da diversidade étnico cultural da faixa de fronteira Brasil-Peru-Bolívia -----	12
Figura 2: Mapa das Terras Indígenas com presença Kaxinawá (circuladas em vermelho) -----	13

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Convenções de Transcrição -----	39
Quadro 2: Quadro tópico da entrevista com MY -----	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O POVO KAXINAWÁ (HUNI KUIN)	11
2.1. PANORAMA SOCIOLINGUÍSTICO: O BILINGUISMO ASSIMÉTRICO	13
3. CONTATOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL E PORTUGUÊS INDÍGENA	16
3.1 A DIMENSÃO DA ETIQUETA INTERACIONAL	21
3.2 O PORTUGUÊS KAXINAWÁ COMO VARIEDADE ÉTNICA	23
4. REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	25
4.1. TURNO DE FALA E TÓPICO DISCURSIVO	27
4.2. ENQUADRES INTERATIVOS E ESTRUTURAS DE PARTICIPAÇÃO	31
4.3. MATERIAIS DE ANÁLISE	34
4.4. TRANSCRIÇÃO E PREPARAÇÃO DOS DADOS	38
4.5. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	40
5. FÓRMULAS DE FECHAMENTO EM FOCO	46
5.1. NAS ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS	47
5.2. NO MATERIAL AUDIOVISUAL COLETADO	54
6. CONCLUSÕES	64
REFERÊNCIAS	66

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o Português, além de ser a língua nacional e oficial, sendo primeira língua de maior parte da população brasileira, se apresenta como língua adicional inescapável para muitas comunidades linguísticas minorizadas, sendo uma dessas comunidades o povo Kaxinawá, da família etnolinguística Pano.

Os Kaxinawá (autodenominados Huni Kuin – ‘humanos autênticos’, em uma tradução aproximada dessa noção não redutível a categorias eurocêtricas) vinculam-se à família etnolinguística Pano, habitando, tradicionalmente, uma das (hoje) regiões fronteiriças entre o Brasil e o Peru. No lado administrado pelo governo brasileiro, os Kaxinawá vivem em doze terras indígenas nas regiões do Alto Rio Juruá e do Rio Purus, no Acre, reunindo mais de doze mil indivíduos, de acordo com a Federação do Povo Huni Kuin do Estado do Acre (FEPHAC).

Como outras minorias linguísticas no Brasil, os Kaxinawá falam a sua língua materna e também o português, como segunda língua, principalmente para a comunicação interétnica, tanto com não-índigenas, quanto com indígenas pertencentes a outras etnias. As variedades de Português Brasileiro faladas como segunda língua são constituídas e atravessadas por dinâmicas de contato linguístico, revelando particularidades tanto no âmbito das suas estruturas gramaticais, quanto em relação aos mecanismos discursivos constitutivos das interações face-a-face.

Nesta monografia, analiso em detalhes as particularidades de um fenômeno discursivo e interacional da variedade da língua portuguesa falada por indígenas pertencentes ao povo Kaxinawá em situações comunicativas transculturais: as fórmulas de fechamento. Alguns exemplos dessas fórmulas são: “assim que nós funciona nossa terra indígena”, “é assim nós trabalha” e “então o meu pensamento é assim”. Ao longo do trabalho, investiguei, a partir de um material de análise diversificado, quais funções essas fórmulas podem desempenhar nas interações em que os participantes Kaxinawá se fazem presentes. Busco, assim, contribuir para os campos da Sociolinguística de Contato (SAVEDRA et al., 2021), dos estudos sobre variedades indígenas da língua portuguesa e para os estudos da Linguística Interacional (GAGO, 2016).

A presente monografia se divide em cinco capítulos para além desta introdução. No primeiro capítulo, apresento o povo Kaxinawá e contextualizo brevemente a situação sociolinguística de bilinguismo assimétrico em que vivem, hoje, no Brasil. Em seguida, traço algumas considerações na forma de uma revisão bibliográfica sobre os estudos de contato

linguístico e das variedades de português brasileiro faladas por povos indígenas no segundo capítulo. Ainda no segundo capítulo, aponto algumas características da variedade da língua portuguesa falada pelos Kaxinawá, as quais puderam ser examinadas em trabalhos de investigação anteriores, levados a cabo pelo grupo de pesquisa coordenado pela professora Beatriz Christino.

No terceiro capítulo, me detenho sobre os referenciais teórico-metodológicos que basearam e guiaram esta pesquisa, definindo conceitos e instrumentais de análise provenientes tanto da área da Sociolinguística Interacional quanto da Análise da Conversação. Logo após, foco nos procedimentos metodológicos usados, especificando e descrevendo os dois tipos de materiais de análise utilizados: as entrevistas sociolinguísticas e os vídeos disponíveis em plataformas online de livre acesso; também explico como esses materiais foram coletados e os critérios de transcrição adotados. Finalmente, delimito de maneira mais precisa os procedimentos de análise adotados.

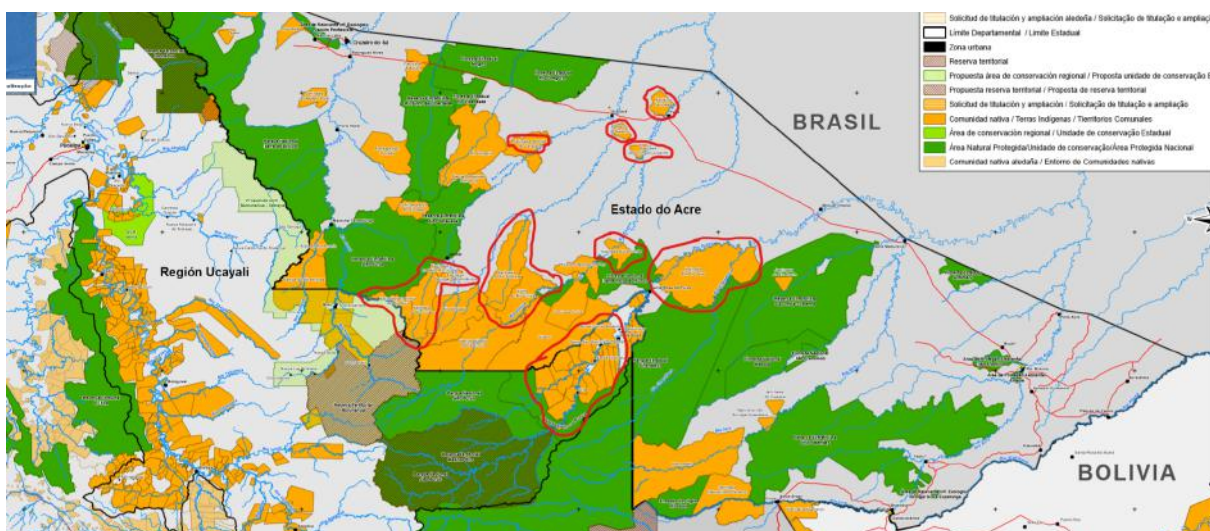
O capítulo quatro apresenta os resultados da análise das fórmulas de fechamento, dividido em duas subseções: na primeira, enfocam-se os dados obtidos através da análise das entrevistas sociolinguísticas; já na segunda, aqueles referentes ao exame dos materiais audiovisuais coletados. O último capítulo aborda algumas conclusões sobre as fórmulas de fechamento às quais pude chegar no percurso de investigação empreendido nesta monografia.

2. O POVO KAXINAWÁ (HUNI KUIN)

Os Kaxinawá, povo indígena pertencente à família etnolinguística Pano, se autodenominam *Huni Kuin*, termo que pode ser traduzido aproximadamente para o português como “humanos autênticos”. Ao longo desta monografia, opto pelo uso do termo Kaxinawá, uma heterodenominação consagrada na bibliografia linguística e antropológica, que pode ser traduzida como “Povo/gente do morcego”, em lugar de *Huni Kuin*, tendo em vista que o termo Huni Kuin é um conceito consideravelmente complexo, podendo abranger e nomear outros indivíduos que não necessariamente correspondem à etnia conhecida na literatura como Kaxinawá. Vale salientar que “*Kuin*” é uma categoria que, assim como o termo “*Nawá*”, faz parte do sistema de alteridade relacional estabelecido entre os Kaxinawá, como ressaltado em Lagrou, abaixo.

Os grupos Pano chamados *nawa* formam um subgrupo desta família por terem línguas e culturas muito próximas e por terem sido vizinhos por tanto tempo quanto existem fontes históricas sobre a região. Cada um deles se autodenomina de *huni kuin*, homens verdadeiros, ou seja, gente com costumes conhecidos. Uma das

FIGURA 2: Mapa das Terras Indígenas com presença Kaxinawá (circuladas em vermelho)



Geography the Environment Maps. Disponível em: <<https://scholarship.richmond.edu/geography-maps/>>
Acesso em: 03 de julho de 2019

Como é possível verificar, especialmente na figura 2, a faixa de fronteira Acre (BR), Ucayali (PE) e Madre de Dios (BO) é uma região marcada por grande diversidade étnica e também linguística. Nesse contexto multilíngue, o contato de línguas e culturas se mostra latente e constitutivo tanto da realidade sociolinguística da região, quanto dos repertórios sociocomunicativos de seus falantes bi/plurilíngues. Na subseção que se segue, me ocupo, então, de uma caracterização da situação sociolinguística em que se encontram, hoje, os Kaxinawá, assim como de uma breve contextualização histórica desse cenário.

2.1. PANORAMA SOCIOLINGÜÍSTICO: O BILINGUISMO ASSIMÉTRICO

Os primeiros contatos dos Kaxinawá com a sociedade não-indígena ocorreram no final do século XIX através de duas frentes, por um lado, incursões de seringalistas brasileiros adentravam o território do sudoeste amazônico em busca da *Hevea brasiliensis*, para extração de seringa; paralelamente, no lado peruano, caucheiros derrubavam árvores de caucho em busca do tão valioso látex, requisitado, à época, pelas nascentes indústrias que tinham na borracha uma de suas principais matérias-primas. Nesse período, devido ao modelo de produção aplicado para a extração do látex, houve um grande fluxo de migração do nordeste brasileiro em direção à região do sudoeste amazônico, o que proporcionou a ocupação da região por um contingente significativo de brasileiros não-indígenas. Com esse movimento,

diversas populações indígenas do Acre foram forçadas a migrar em direção às cabeceiras dos rios, para fugir dos seringalistas e das caçadas que estes empreendiam contra a população local, com o objetivo de abrir caminhos para a extração de seringa.

Se enfocamos estes mesmos momentos históricos a partir do ponto de vista dos Kaxinawá, podemos verificar que a sua história recente é dividida em cinco tempos, como ressaltam Almeida e Cruz (2016) e como ilustra o curta metragem “Já me transformei em Imagem” dirigido por Zezinho Yube (2008). O primeiro destes tempos, “o tempo das malocas”, corresponde ao período anterior ao contato com as populações não-indígenas. Nesse tempo, os Kaxinawá viviam em grandes casas comunais, de onde vem a referência maloca, e eram livres para usar sua língua materna, autodenominada *hãtxa kuin* e conhecida na literatura linguística como kaxinawá (uso nesta monografia a denominação *hãtxa kuin/kaxinawá* para me referir ao idioma). O posterior “tempo das correrias” durou aproximadamente do final do século XIX até a década de 1920 e foi marcado pela fuga de indígenas para as cabeceiras dos rios, no Acre, a fim de evitar o contato com os recém chegados seringueiros e seringalistas que violentamente adentravam a região.

Durante o “tempo das correrias”, os seringalistas foram conquistando os territórios que até então eram habitados pelos Kaxinawá e por outros povos indígenas, para implementar um regime de exploração da seringa no qual a mão de obra de migrantes, majoritariamente provenientes do nordeste brasileiro, era explorada de forma barata. Esse modo de produção predominou até meados da década de 1910, quando, com a introdução de sementes de seringueira por parte de ingleses e holandeses no sudeste asiático e em regiões tropicais da África, a Amazônia perde seu monopólio como fornecedora de látex ao mercado mundial.

O ciclo da borracha no Brasil começava, assim, um período de decadência e, paralelamente, para os Kaxinawá, começava o denominado “tempo do cativo”, que abrange desde a década de 1920 até a de 1970. O nome dado a essa época decorre do fato de que, neste período, muitos Kaxinawá e indígenas de outras etnias foram submetidos a trabalho forçado em regime escravo ou semi escravo, como uma alternativa mais barata ainda à mão de obra dos migrantes nordestinos. Durante o “tempo do cativo”, os Kaxinawá não só eram proibidos de falar sua língua e exercer suas práticas culturais, sob a pena de castigos físicos, mas também eram submetidos a um regime de exploração e endividamento, como ressalta Iglesias (2008).

O sentido de "cativo" que permeia esse discurso de Felizardo assemelha-se a aquele utilizado, uma década antes, pelo prefeito Thaumaturgo de Azevedo, ao denunciar a captura de mulheres e crianças indígenas em "correrias", mas se diferencia daquele que passariam a lhe atribuir os seringueiros e os indígenas, nas

décadas seguintes, ao se referir à dominação dos padrões, simbolizada pelo endividamento no barracão, a obrigatoriedade do pagamento da renda das estradas de seringa e a imobilização da mão de obra nos limites do seringal. (Iglesias, 2008, p. 270)

Assim, o “tempo do cativo” também se caracteriza por uma grande repressão linguística à língua hãtxa kuin/kaxinawá. Após o “tempo do cativo”, tem lugar na história dos Kaxinawá o “tempo dos direitos”, a partir da década de 1970, durante a qual o movimento indígena brasileiro passou a atuar de forma protagonista na conquista de direitos como, por exemplo, o direito à demarcação de suas terras, à educação bilíngue e bicultural e ao uso de suas línguas maternas. O “tempo dos direitos” engloba, em seu auge, a redação e institucionalização da Constituição de 1988 e o início de um movimento de resgate e valorização de aspectos das culturas e das línguas dos povos indígenas no Brasil. O último tempo na história Kaxinawá equivale à contemporaneidade e é o chamado “tempo do governo dos índios”, em que a mobilização indígena se intensificou e se organizou por meio de instituições tais quais a Associação dos Kaxinawá do Rio Breu (ASKARIB), a Associação dos Seringueiros Kaxinawá do Rio Jordão (ASKARJ) e a Federação do Povo Huni Kuin do Estado do Acre (FEPHAC), no contexto regional, e a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), em escala nacional.

No entanto, apesar da recente conquista de direitos e do fortalecimento cada vez maior das identidades e das diversas línguas e culturas indígenas, no Brasil, os povos indígenas, incluindo-se os Kaxinawá, vivem ainda em uma situação de minorização linguística, marcada especialmente pelo bilinguismo assimétrico. Em outras palavras, os povos indígenas têm de ser, muitas vezes, bilíngues em língua indígena e também na língua portuguesa para poderem exercer sua cidadania plena, mas a sociedade em geral não é permeada por esse bilinguismo nos espaços públicos e privados. Para melhor ilustrar esse conceito, me valho de um paralelo presente em uma declaração de Melià (2012), quando diz, fazendo alusão à realidade sociolinguística paraguaia, que:

O suposto bilinguismo do Paraguai apenas camufla uma forçada empreitada de castelhanização. Esse bilinguismo raramente promoveu a aprendizagem do guarani por parte do falante de castelhano, enquanto o que se dá é o inverso, o monolíngue guarani aceita sim o castelhano. São os falantes de guarani que passam a ser bilíngues. Aqui é onde se faz patente a falta de interculturalidade real entre línguas e sistemas de vida, que apenas entra como prótese incômoda e ao final recusada. **A teoria do bilinguismo – a ideologia melhor seria dizer – não conduz ao**

bilinguismo, mas sim à substituição. Essa é a verdade. (MELIÀ, 2012, p. 93, tradução minha¹, ênfase adicionada)

Como bem assinala Melià, é essencial ressaltar o caráter impositivo da língua nacional sobre línguas minorizadas, como é o caso de línguas indígenas na América, em situações e espaços supostamente bilíngues. Um paralelo pode ser traçado com a situação dos Kaxinawá atualmente, já que também se estabelece uma tensão entre a língua hãtxa kuin/kaxinawá e a língua portuguesa. Segundo Maná Kaxinawá (2021), embora haja atualmente um movimento de valorização e ensino do hãtxa kuin/kaxinawá em escolas bilíngues e biculturais, o português já se apresenta como língua dominante em seis das doze Terras Indígenas no Brasil nas quais estão presentes os Kaxinawá.

Nessa complexa e tensa dinâmica entre a língua hãtxa kuin/kaxinawá e a língua portuguesa, entrelaçadas em uma relação de poder e de contatos linguísticos, emerge a variedade de português que os Kaxinawá falam como segunda língua, sobre a qual me debruço mais atentamente nesta monografia. Esta variedade é usada não só com o objetivo de se comunicarem com a sociedade majoritária, em grande parte monolíngue em português do Brasil, mas também como língua interétnica na comunicação com indígenas de outras etnias, como os Ashaninka (Aruak), por exemplo, povo com o qual os Kaxinawá convivem na Terra Indígena Kaxinawá-Ashaninka do rio Breu. Para apresentar em maiores detalhes esta realidade, a seção seguinte se dedica a explicitar um pouco mais sobre as relações do contato linguístico imbricadas na emergência de variedades do português brasileiro faladas por povos indígenas e, em especial, da variedade de português falada pelos Kaxinawá.

3. CONTATOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL E PORTUGUÊS INDÍGENA

Em sociedades multilíngues, é inevitável que os diferentes idiomas que compõem o repertório sociolinguístico dos indivíduos em questão entrem em contato uns com os outros. Dessas dinâmicas de contato linguístico, emergem diversas situações heterogêneas que abrangem desde o empréstimo de alguns elementos lexicais de uma língua à outra até o surgimento de línguas inteiramente novas, como é o caso das línguas crioulas e dos pidgins. Na história sociolinguística do Brasil e do português brasileiro, os contatos e conflitos entre

¹ No original em espanhol: El supuesto bilingüismo del Paraguay apenas camufla una forzada empresa de castellanización. Ese bilingüismo raramente ha promovido el aprendizaje del guaraní por el castellanohablante, mientras que se da la inversa, que el monolingüe guaraní acepta sí el castellano. Son los guaraní-hablantes que pasan a ser bilingües. Aquí es donde se hace patente la falta de interculturalidad real entre lenguas y sistemas de vida, que apenas entra como prótesis incómoda y al fin rechazada. La teoría del bilingüismo – la ideología habría que decir – no conduce al bilingüismo, sino a la sustitución. Esa es la verdad. (MELIÀ, 2012, p. 93)

idiomas não só se fizeram, como ainda se fazem bastante presentes, desde bem antes do início da colonização portuguesa, ocorrendo entre os falantes das diferentes línguas originárias que já marcavam presença na América do Sul.

Dentro da academia, diversos linguistas têm se debruçado sobre as intrigantes dinâmicas que emergem dos contatos e conflitos linguísticos, de modo que atualmente podemos falar de um campo de Estudos do Contato Linguístico. Como definido por Winford (2003, p. 5, tradução minha), essa área de pesquisa tem como principal objetivo “estudar as variadas situações de contato entre as línguas, os fenômenos delas resultantes, e como as interações entre fatores linguísticos e fatores ecológicos externos moldam esses resultados”².

Diferentes recortes podem ser estabelecidos em se tratando dos estudos sobre contato linguístico. Há investigações, por exemplo, no campo da linguística histórica, que buscam evidenciar os efeitos do contato linguístico na gênese das línguas, como é o caso do trabalho de Thomason e Kaufman (1998). Outros, por sua vez, buscam examinar em mais detalhes as dinâmicas de bilinguismo e diglossia que permeiam determinada sociedade, como fez Ferguson (1959) em seu trabalho seminal. De toda forma, o ponto central que unifica esta área de estudos é dado justamente pelo objeto de pesquisa, que neste caso são as situações de contato entre as línguas e os seus falantes.

Dentro dessa grande área de investigação, é interessante ressaltar, no que concerne a esta monografia, dois recortes: o primeiro, mais abrangente, são as pesquisas no âmbito da Sociolinguística de Contato, e o segundo, podendo inserir-se ou não dentro do primeiro, são os estudos sobre variedades indígenas da língua portuguesa no Brasil.

Como definem Savedra et al. (2021, p. 3, ênfase adicionada), a Sociolinguística de Contato nada mais é do que “o estudo das situações de contato linguístico **com base no referencial teórico e metodológico da Sociolinguística**”. Cabe ressaltar que a Sociolinguística é um universo vasto, no qual podem se mobilizar desde procedimentos estatísticos em análises quantitativas de larga escala até estudos de base etnográfica em análises interpretativas localizadas em uma comunidade de fala específica. Assim, podem-se enquadrar como estudos da área da Sociolinguística de Contato tanto trabalhos baseados nos referenciais teórico-metodológicos da Teoria da Variação e da Mudança (LABOV, 1972), quanto da Ecologia Linguística e Ecolinguística (COUTO, 2009), ou ainda aqueles que, como esta monografia, se ancoram na Sociolinguística Interacional (RIBEIRO; GARCEZ, 2013). O

² No original em inglês: “to study the varied situations of contact between languages, the phenomena that result, and the interaction of linguistic and external ecological factors in shaping these outcomes”

ponto chave para a inserção na área continua sendo o fato de o foco da investigação serem as situações de contato linguístico.

Dentro desta delimitação, podem-se encontrar diferentes trabalhos de investigação que se debruçam sobre as mais diversas situações sociolinguísticas. Me interessa, nesta monografia, lançar o olhar mais atento para aquelas situações em que as línguas em contato seriam algumas das línguas indígenas originárias da América do Sul e o Português do Brasil. Neste campo, há já alguns trabalhos de referência, como a descrição de Emmerich (1984) do português de contato no Xingu, que se debruça sobre a concordância de 1ª pessoa do singular. Nesse estudo, Emmerich pôde verificar diferenças geracionais importantes vinculadas ao grau de fluência em língua portuguesa, dividindo os falantes em 7 graus diferentes, sendo que apenas a partir do grau 5 as regras de concordância e flexão começavam a operar.

Ainda dentro do universo xinguano, Mattos e Silva (1985) se debruçam sobre o Português Kamayurá em seu nível fonético-fonológico. As autoras destacam, por exemplo, que no português Kamayurá da época, o traço de sonoridade não havia sido plenamente estabelecido, podendo haver variação entre os fonemas surdos e sonoros como /p-b/, /t-d/, /k-g/, /f-v/, /s-z/ e /ʃ-ʒ/. Assim, as pesquisadoras puderam registrar pronúncias como san[t]ália para sandália, [p]oca para boca e car[f]ão para carvão. Esse fenômeno pode ser relacionado à inexistência do traço de sonoridade como fonemicamente distintivo na língua Kamayurá.

Quase meio século depois, Rojas-Berscia, Pereira e Mehinaku Kuikuro (2020), baseando-se nos trabalhos anteriormente empreendidos por Emmerich e outros linguistas no Xingu, analisaram o Português Kuikuro falado pelos jovens da aldeia Afukuri. Os autores identificaram a continuidade da neutralização entre fonemas surdos e sonoros, como descreveram Mattos e Silva e Silva (1985) para o português Kamayurá, além de outros fenômenos como a paragoge de [i] em sílabas travadas por /s/, como em lápis[i] e depois[i] e a apócope do /r/ final em palavras como celulá, comentá e saí, que podem ter relação com o padrão silábico (C)V da língua Kuikuro, o qual não admite consoante em coda.

Os autores também sinalizaram como relevante a presença de mudança de códigos, ou *code-switching*, tanto no interior de uma mesma proposição como entre sentenças diferentes no discurso e relacionam tais fenômenos com a manutenção de uma identidade étnica Kuikuro, mesmo ao falar a língua portuguesa com interlocutores não-indígenas.

Ferreira (2005), trabalhou com a variedade de português falada pelos Parkatêjê, pertencentes ao grupo Timbira. Em sua investigação a pesquisadora pôde verificar tanto aspectos do contato linguístico que partiam da língua parkatêjê e influenciavam o português quanto o contrário. Algumas das características encontradas foram, no campo da fonologia, a

substituição de sons, no português, que não existem em parkatêjê, como o /l/, substituído por /r/ como em c[r]aro e p[r]ano; a pronúncia palatalizada do /d/ pela fricativa palatal /ʒ/ em man[ʒ]ioca; a neutralização do traço de sonoridade para as oclusivas, como em [k]rava[t]o para “gravado”. Na morfossintaxe, a autora também observou a generalização do gênero masculino como o “o comido” para “a comida” e a generalização da conjugação de terceira pessoa para todo o paradigma verbal, como em “eu viu” ou “eu foi”, especialmente no pretérito perfeito. No campo lexical, a mudança de códigos também se fazia notar além da perda da diferenciação semântica, agora em parkatêjê, de termos que antes possuíam distinções como *kukrê* (comer carnes duras), *kuhõ* (comer carnes macias ou frutos como peixe, abacate, cupuaçu) e *kãmfar* (comer alimentos como o milho, que demandam mastigação consistente), em favor da simplificação semântica presente no português que apenas apresenta um verbo, “comer”.

Amado (2015), investigando o português falado também por povos Timbira, evidenciou, no nível da fonologia, mais uma vez a neutralização do traço de vozeamento, em palavras como [t]ormiu, para “dormiu” e den[dʒ]e, para “dente”. Além disso, também percebeu-se a anteriorização das consoantes palatais /ʃ/ como em [s]eguei, para “cheguei”, /ʒ/ como em [z]uiz, para “juiz” e /ʎ/ como em esco[l]eu, para “escolheu” e a apócope de vogais finais como em exist, para “existe”, nom, para “nome” e leit para “leit”. Assim como Ferreira (2005), Amado também notou a substituição da lateral /l/ pela vibrante /r/ em palavras como c[r]aro para “claro” e pu[r]seira para “pulseira”. No plano da morfossintaxe, chamou a atenção da pesquisadora a marcação do plural no elemento mais à direita do sintagma nominal, como em “o povos” ou “o serra bonitos”, assim como a não marcação da flexão de gênero, como em “o meu professora”. Por fim, também apareceu no trabalho de Amado a não presença da flexão verbal para diferenciar tempo passado, sendo mais comum o uso de advérbios como em “antigamente anda pelada”.

No trabalho de Amado (2015) sobre o Português Timbira, também foi possível verificar algumas particularidades discursivas dessa variedade, como o uso de marcadores discursivos para iniciar e finalizar tópicos discursivos. Alguns exemplos que a autora traz são “Olha agora eu vou conta história”, “Eu vou fazer a Redação sobre futuro, no meu pensamento que eu penso no futuro” e “Então é isso que tavam pensando dentro da minha aldeia”. Amado relaciona estes marcadores com marcadores nas línguas Timbira que permeiam os discursos orais de seus falantes, como “*Yhy, pea, cute hajyr* (‘Sim, então foi assim...’) que abre as narrativas míticas, e *Yhy, mejkampa* (‘Sim, me escutem...’), presente no discurso formal” (AMADO, 2015, p. 111). Ademais, a autora também sinaliza que, em textos

Timbira, era muito recorrente o uso da memória coletiva como uma estratégia argumentativa, algo que aparece linguisticamente em estruturas como “Antigamente as tradições do povo Krahô, os mais velhos contam assim: Os Krahô dos antepassados viviam nus...”.

Bonifácio (2019), em sua tese de doutorado, explora aspectos sobre a fonologia do português falado por professores Tikuna, como, por exemplo, a ausência de contraste entre /s-f/ e /z-ʒ/ em posição de ataque silábico e a não ocorrência de /s/ após /j/ em coda silábica, assim como a não realização das consoantes sibilantes em posição de coda vocálica, o que também é incomum em sua língua materna. Na morfossintaxe, Bonifácio também evidenciou a não marcação de tempo na flexão verbal, como também identificou Amado (2015) para o Português Timbira, o que pode ser relacionado, nesse caso, ao fato de, em Tikuna, a marcação de tempo não ser feita no verbo, mas sim em outros elementos como dêiticos e partículas.

Christino e Lima e Silva (2012), trabalhando com o português escrito por professores Kaingang, identificaram a presença de concordância variável de gênero, como em “o péj exerce uma função importantíssimo dentro do seu grupo.”, com o núcleo e o determinante no feminino e o qualificador no masculino. A concordância de número também apresentou peculiaridades, como a concordância de plural apenas no verbo, com sujeito singular, como em “A língua podem mudar em vários sentidos.”. Este último fenômeno pode estar relacionado à característica da gramática Kaingang de poder pluralizar verbos para indicar uma ação realizada repetidas vezes.

Braggio (2015) chama atenção para alguns aspectos voltados ao ensino de língua portuguesa em escolas Xerente Akwẽ. A pesquisadora, após ressaltar a necessidade de se conhecer a língua indígena do povo em questão e suas particularidades estruturais em um processo de ensino bilíngue, apresenta alguns aspectos que o professor deve levar em consideração. O primeiro deles é a própria natureza tipológica distinta, já que a L1 é uma língua aglutinante e a L2 majoritariamente flexional. Isso pode trazer dúvidas quanto à segmentação de palavras, por exemplo. Além disso, a ausência na L1 de flexões de gênero, número, tempo modo e aspecto também aparece como um possível ponto de atrito na aprendizagem do português. Os fonemas e grafemas, assim como os classificadores e inalienáveis também apareceram como pontos a serem levados em consideração.

As variedades de Português Indígena também aparecem mencionadas, para além dos trabalhos de linguistas e linguistas aplicados, em documentos voltados ao ensino no contexto da educação escolar indígena, como o Referencial Nacional para Escolas Indígenas (MEC, 1998). Este documento reconhece as especificidades dessas variedades da língua portuguesa,

além de valorizá-las como parte integrante da identidade indígena, como podemos ver no trecho abaixo:

Os povos indígenas têm, cada um deles, o seu modo próprio de falar a língua portuguesa. Esses modos de falar o português têm, quase sempre, marcas muito específicas da língua de origem do povo em questão: no vocabulário, na gramática, na pronúncia. Esses modos de expressão devem ser respeitados na escola e fora dela, já que também são atestados de identidade indígena (MEC/ Secretaria de Educação Fundamental 1998, p. 114).

Para além do vocabulário, da gramática e da pronúncia, que foram tematizados por muitos dos trabalhos acadêmicos referenciados nesta seção, também é interessante perceber, em variedades indígenas do português, a presença de fenômenos nos níveis discursivo-interacionais, para os quais dedico a subseção a seguir.

3.1 A DIMENSÃO DA ETIQUETA INTERACIONAL

Ao olharmos para fenômenos das variedades linguísticas indígenas da língua portuguesa, no âmbito da interação e do discurso, é essencial nos voltarmos a pesquisas como a de Philips (2013[1976]), que, mesmo não olhando para uma variedade de português indígena, contribui com aportes significativos para a área. Realizando uma pesquisa de campo nas reservas indígenas de Warm Springs, no Oregon, Philips identificou diferentes fontes de variabilidade cultural entre as interações que envolviam, de um lado, indígenas Sahaptin e Chinookan e, de outro, angloamericanos brancos. A pesquisadora pôde observar, por exemplo, que as estratégias de seleção do ouvinte para a obtenção do próximo turno de fala, bem como o uso de pistas verbais e não verbais ao longo da fala e elementos como o contato visual e as gesticulações variavam consideravelmente entre os grupos analisados, sendo mais comum que os interlocutores indígenas gesticulassem menos e não mantivessem tanto contato visual quando os interlocutores angloamericanos. Assim, Philips tem o mérito de mostrar que elementos constituintes da interação face-a-face que podem parecer, a princípio, universais, podem se realizar de maneiras diferentes em diferentes culturas.

De modo semelhante, Cavalcanti (1991), em trabalho de campo com professores Guarani em São Paulo, identificou que os silêncios entre os turnos de fala se apresentavam como um ponto de conflito entre os professores guarani e os pesquisadores não-indígenas que interagem. Era comum, portanto, que os não-indígenas dominassem os turnos de fala, por sentirem uma necessidade de preencher os silêncios que, para seus parceiros interacionais

Guarani, faziam parte da dinâmica interacional. Foi necessária, assim, uma reflexão intercultural e uma adaptação, por parte dos pesquisadores não-guarani, da maneira como interagem e lidavam com os silêncios e, só então, os professores Guarani passaram a conseguir fazer uso dos turnos de fala e o conflito foi minimizado.

A partir destes dois trabalhos, é possível verificar que, em situações transculturais, isto é, que envolvem participantes provenientes de diferentes culturas que interagem uns com os outros, podem surgir conflitos a partir de diferenças e assimetrias constituídas no âmbito não só dos sistemas linguísticos propriamente ditos, mas também no que concerne à organização da interação. No que tange aos povos indígenas no Brasil, também são de grande relevância os trabalhos levados a cabo por Maher (1994; 1996; 1998) que, a partir do trabalho com professores indígenas de diversas etnias no Acre, mobiliza as noções de Cultura Interacional e Etiqueta Interacional, nas palavras da pesquisadora:

As pessoas falam diferente, não só porque utilizam sistemas gramaticais diferenciados, mas também, porque seguem convenções pragmáticas diferenciadas. Cada cultura imprime na sua língua **um código de conduta interacional específico**, e seus falantes seguem tais scripts culturais de modo a se comportarem apropriadamente nos diferentes contextos interativos. (Maher 1994, 76, ênfases adicionadas).

Dessa forma, Maher lança luz ao fato de que membros de diferentes culturas operacionalizam referenciais diferentes para se comportarem em determinados eventos comunicativos. É importante, todavia, salientar que os falantes de uma língua não são autômatos que apenas seguem estes scripts culturais, muito pelo contrário, há sempre margem para criação e para adaptação de estratégias que interacionalmente podem funcionar em determinada comunidade e, em outra, podem não se mostrar tão profícuas. De todo modo, a dimensão da cultura interacional se mostra, assim como as dimensões mais estruturais da língua, como mais um espaço em que as identidades podem entrar em conflito e ser negociadas.

Após este breve panorama sobre os estudos das variedades indígenas da língua portuguesa, na subseção a seguir, me ocupo um pouco mais detalhadamente da caracterização de alguns aspectos estruturais e discursivo-interacionais do Português Kaxinawá.

3.2 O PORTUGUÊS KAXINAWÁ COMO VARIEDADE ÉTNICA

A partir de 2012, o grupo de pesquisa coordenado pela Prof^a. Dr^a. Beatriz Protti Christino começou a se debruçar sobre a variedade de português falada pelos Kaxinawá. Inicialmente, as investigações se apoiavam nos referências teórico-metodológicas da Teoria da Variação e da Mudança (LABOV, 1972; TARALLO, 1990; SCHERRE, 1994; PAGOTTO, 2006; GUY; ZILLES, 2007) e buscavam evidenciar fenômenos morfossintáticos variáveis, principalmente no âmbito da concordância nominal.

Neste momento da investigação, o grupo trabalhava principalmente com entrevistas sociolinguísticas coletadas em 2014, em trabalho de campo financiado pela FAPERJ e realizado nas aldeias Kaxinawá do Rio Breu e nas cidades de Marechal Thaumaturgo e Cruzeiro do Sul, além de contar, também, com material cedido pela Comissão Pró-Índio do Acre e pelo pesquisador Amilton Pelegrino de Mattos. Todos os materiais utilizados até então tinham sido coletados em formato de áudio e contavam com a participação de colaboradores Kaxinawá falando em sua variedade étnica da língua portuguesa.

Alguns dos resultados encontrados a partir de pesquisas sobre a morfossintaxe e a sintaxe do Português Kaxinawá foram, por exemplo, a existência de sentenças construídas na ordem não marcada nas línguas Pano, isto é, Sujeito-Objeto-Verbo, como em “ela chamou a macaxeira comer”; a marcação do plural apenas no elemento mais à direita do sintagma nominal, como em “tempo ancestrais” e “nosso arrecurso naturais”, examinada em Christino e Mattos e Silva (2017); a concordância variável de gênero no interior do sintagma nominal, como em “hãtxa kuin é nosso fala”, examinada mais a fundo em Christino (2015) e Leal (2020).

Cabe salientar, também, que estes dados constituíam uma minoria do ponto de vista estatístico, visto que, na maior parte dos casos, a concordância nominal de número e gênero se assemelhava aos padrões que se encontram no português popular brasileiro falado como primeira língua, isto é, a expressão do plural no primeiro elemento do sintagma nominal e a marcação expressa da concordância de gênero. No entanto, o exame detalhado destes fenômenos levou o grupo a considerá-los como parte de uma minoria significativa, por corroborarem as hipóteses de que no Português Kaxinawá estavam em jogo tanto processos vinculados a universais de aquisição de segunda língua, como transferências da sua L1, o hãtxa kuin/kaxinawá, para a sua L2, o português.

No âmbito dos universais de aquisição de segunda língua, puderam se observar em Leal (2020) a sobregeneralização do gênero masculino e a tendência maior a expressar a

concordância de gênero com referentes animados. No que se refere às transferências da L1, figura, além do uso da ordem sintática SOV, que é a ordem mais usual no hãtxa kuin/kaxinawá, a possível relação entre a marcação de plural no elemento mais à direita do sintagma nominal e o uso, em hãtxa kuin/kaxinawá, do morfema -bu para indicar pluralidade. Esse morfema, além de facultativo, de modo que a noção de pluralidade pode ser expressa sem que ele necessariamente apareça, também não pode aparecer redundantemente em mais de um elemento do sintagma nominal, algo que se opõe diretamente à variante padrão do português brasileiro, na qual o morfema pluralizante -s aparece em todos os elementos do sintagma.

Ao longo do trabalho de investigação destes fenômenos morfossintáticos, o grupo começou a perceber, também, a existência de fenômenos da ordem do discurso e no âmbito da etiqueta interacional que pareciam estar relacionados às dinâmicas de contato linguístico entre o hãtxa kuin/kaxinawá e o português. A princípio, dois procedimentos interacionais pareciam chamar atenção na análise das entrevistas sociolinguísticas, não só por serem recorrentes, mas também por serem utilizados apenas pelos participantes Kaxinawá, não aparecendo em entrevistas sociolinguísticas realizadas com participantes não-indígenas da Região do Alto Juruá; são eles: (a) o emprego de retomadas da fala do outro, como estratégia de início de turno de fala e (b) a utilização de estruturas formulaicas do tipo “é só isso que eu queria dizer” ou “pra nós isso que funciona”, que pareciam finalizar alguma unidade discursiva que neste momento ainda não tinha sido identificada pelo grupo.

Ambos os fenômenos foram descritos inicialmente em Christino (2018) e o grupo de pesquisa começou, então, a empreender uma análise mais detalhada, principalmente do segundo processo, que recebeu a denominação de “fórmulas de fechamento”. As fórmulas de fechamento chamaram especialmente a atenção do grupo também pelo fato de que estruturas semelhantes aparecem em narrativas tradicionais dos Kaxinawá, documentadas na língua hãtxa kuin/kaxinawá tanto por João Capistrano de Abreu no início do século XX (ABREU, 1914) quanto por Camargo e Villar no início do século XXI (CAMARGO; VILLAR, 2013). A título de exemplificação, reproduzo alguns dos excertos abaixo, em língua hãtxa kuin/kaxinawá e com a sua tradução para o português.

- a) “bônirã raç’kamiç’bôki.”/ “fome têm, **assim fazem.**” (ABREU, 1914, p. 67)
- b) “raç’kamiç’bôki in nabôrã.”/ “**assim fazem** minhas gentes.”(ABREU, 1914, p. 126).
- c) “**Haska en uintanimaki** nawabu hiweabudan”/ “**Assim conheci** a vida dos nauás das grandes cidades” (CAMARGO; VILLAR, 2013, p. 225)

d) “**Haskai** unu manankidi Kudan henwen **hiweakiki**”/ “**É assim que vivem** os maxicos do alto Curanja” (CAMARGO; VILLAR, 2013, p. 163)

Como é possível verificar nos exemplos, é constante o uso da tradução “assim” para raç’ka(-i)/haska(-i)³ nas duas obras, assim como é notável a semelhança com o que encontramos, em Português Kaxinawá, nas entrevistas sociolinguísticas. A seguir, reproduzo, a título de exemplificação e comparação, dois excertos retirados das transcrições de duas entrevistas analisadas pelo grupo.

e) (AB) o roçado de primeiro assim a gente brocava não tinha é... não tinha consulta né, agora hoje em dia tem a capoeira, mas tem que consultar hã... onde tem medicina não pode derrubar mais [...] **assim que nós funciona nossa terra indígena**

f) (MX) quando a gente, alguém fala, nós fala ‘mulherada bora fazer assim, bora fazer assim, bora fazendo, bora pegar cerâmica, bora pegar cestinha pra fazer’, aí a gente vai junta, gente pega e senta na escola aí vai fazendo, **é assim nós trabalha**

Após esta primeira identificação de que as fórmulas de fechamento pareciam ocorrer na fala de diferentes colaboradores Kaxinawá, o grupo começou a se questionar sobre uma série de aspectos, como: Qual seria a função, na interação e no discurso, dessas fórmulas de fechamento? Haveria alguma regularidade na estruturação dessas fórmulas? Se sim, qual? Essas fórmulas aparecem em outras situações comunicativas além das entrevistas sociolinguísticas e das narrativas tradicionais? Em que situações elas poderiam ser usadas?

Os referenciais teóricos da Teoria da Variação e da Mudança já não pareciam ser suficientes para essa nova abordagem que o grupo começava a empreender, de modo que, para uma descrição mais acurada das estruturas e das funções das fórmulas de fechamento, começamos a nos balizar em outros referenciais teóricos metodológicos, para os quais me volto com mais atenção na seção que se segue.

4. REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os referenciais teórico-metodológicos que balizam tanto as investigações atuais do grupo quanto esta monografia são os pressupostos da Sociolinguística Interacional e da

³ Adotam-se, nas duas obras, convenções ortográficas para a escrita da língua hãtxa kuin/kaxinawá que diferem entre si.

Análise da Conversação. Embora ambos os campos de pesquisa se entrelacem interdisciplinarmente e apresentem algumas intersecções, as duas áreas também se delimitam e se constituem como campos autônomos dentro dos estudos em linguagem, cabendo a mim explicitar de que maneira conjuguei, nesta investigação, estes dois referenciais.

A Análise da Conversação surge, em meados do década de 60 do século XX, em contraposição a um fazer sociológico tradicional, rejeitando assim a lógica dos experimentos, das simulações e do uso de exemplos inventados ou situações imaginadas como objeto de investigação. Tendo como seus precursores Harvey Sacks, Emanuel A. Schegloff e Gail Jefferson, a Análise da Conversação se funda como uma ciência radicalmente empírica, isto é, baseada na rigorosa observação de dados reais de comunicação. A Análise da Conversação também se diferencia de outras abordagens por não possuir necessariamente um modelo previamente estabelecido sobre como analisar e tratar os dados, pelo contrário, uma das principais características desta abordagem é a busca por um modelo de compreensão êmico, ou seja, uma lógica estabelecida localmente pelos próprios participantes da interação, e não dada a priori (WATSON; GASTALDO, 2015).

Paralelamente, a Sociolinguística Interacional, que tem John Gumperz, Dell Hymes e Erving Goffman como alguns de seu nomes mais expoentes, também se centra nas interações face-a-face, enfatizando principalmente os fatores contextuais e as inferências que os participantes estabelecem ao longo da interação. Nesse sentido, a Sociolinguística Interacional tampouco se baseia em modelos apriorísticos, mas sim em uma metodologia de forte base etnográfica. Assim, enquanto a Análise da Conversação se centra mais nos dados conversacionais, geralmente registrados com o auxílio de um gravador ou câmera de vídeo, e se apoia em transcrições rigorosamente revisadas para suas análises, a Sociolinguística Interacional pode não necessariamente usar estes métodos e, em contrapartida, explorar mais a observação participante característica de um trabalho etnográfico próprio dos estudos antropológicos.

Outra preocupação central da Sociolinguística Interacional que não necessariamente aparecerá em todos os estudos em Análise da Conversação é em relação à diversidade cultural e como ela afeta a comunicação (GUMPERZ, 2020[1999]). Dessa forma, as pesquisas nesta área não pressupõem que os recursos utilizados na interação face-a-face são compartilhados pelos interlocutores de determinado evento sociocomunicativo, podendo haver momentos em que falantes que dominam diferentes conhecimentos prévios e vêm de diferentes *backgrounds* encarem conflitos interacionais resultantes destas diferenças.

No entanto, apesar dos aspectos que separam um campo de investigação de outro, são comuns trabalhos que se baseiam em ambas as tradições de investigação, combinando-as de diferentes maneiras. Gago (2016) menciona o termo guarda-chuva Linguística Interacional, que englobaria não só estas duas áreas mas também áreas afins, como a Etnografia da Comunicação (SAVILLE-TROIKE, 2003), de modo que o ponto unificante destas abordagens é o foco no estudo da fala-em-interação e como ela se organiza e se relaciona com os elementos socioculturais envolvidos nos eventos comunicativos.

A investigação apresentada nesta monografia se insere, também, dentro deste campo de estudos, a partir do momento em que a) o seu foco é a análise de um fenômeno que emerge na fala-em-interação, b) são usados métodos empíricos de análise da conversação, e c) há uma constante preocupação em identificar o que pode ser culturalmente variável na ordem interacional, principalmente contrastando-se os comportamentos de interlocutores Kaxinawá com o de interlocutores não-indígenas. A seguir, explicito algumas das categorias de análise das áreas da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional que foram mobilizadas no decorrer da pesquisa.

4.1. TURNO DE FALA E TÓPICO DISCURSIVO

A partir da Análise da Conversação, me valho dos conceitos de turno de fala e tópico discursivo para examinar as interações transculturais. Assim, encaro o **turno conversacional** como “qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão” (GALEMBECK, 1995, p. 60), ou seja, toda vez que um interlocutor se coloca na interação e toma para si a palavra. Galembeck (1995) estabelece, ainda, uma tipologia para os turnos conversacionais, dividindo-os entre as categorias de turno nuclear, “que possui valor referencial nítido, ou seja, que veicula informações” (GALEMBECK, 1995, p. 61) e turno inserido, que “não tem um caráter referencial, ou seja, não desenvolve o tópico (assunto) da conversação” (GALEMBECK, 1995, p. 61).

De acordo com a maneira como ocorre a troca de turnos entre os falantes, as situações comunicativas podem ser divididas em dois grupos: de um lado estão situações comunicativas simétricas, nas quais há uma troca constante de turnos nucleares entre os interagentes, sem que algum deles domine os turnos conversacionais, sendo a conversa o exemplo de interação prototipicamente simétrica; e, de outro, as situações comunicativas assimétricas, nas quais um falante domina a gestão dos turnos conversacionais, enquanto o(s) seu(s) interlocutor(es), no papel de ouvinte(s), contribuem com turnos inseridos, para demonstrar atenção e manter o elo

comunicativo, como, por exemplo, contextos institucionais em que há mediadores claramente estabelecidos que regulam a dinâmica de troca de turnos.

Sacks, Schegloff e Jefferson (2003[1978]), enfocando as sistemáticas que perpassam essas dinâmicas de troca de turno, foram pioneiros em ressaltar que a conversa não é o espaço do caos e da desordem, muito pelo contrário. Existe na conversa uma organização sistemática que serviria de base para todas as outras interações comunicativas que se desenvolvem nas sociedades humanas. Dessa forma, os autores identificaram que os turnos conversacionais se constroem a partir de **Unidades de Construção de Turno** (doravante UCT), que se definem através da conjugação de critérios sintáticos, prosódicos e pragmáticos.

Como bem ressalta Gago (2016), “há controvérsias na literatura quanto ao peso relativo desses critérios” (GAGO, 2016, p. 304), cabendo sinalizar que uma UCT também pode assumir diferentes tamanhos, desde itens lexicais únicos, passando por sintagmas, cláusulas até sentenças mais complexas. Com isso em mente, podemos encarar as UCT como sendo unidades estabelecidas *in loco* durante a interação e percebidas pelos falantes, de modo que eles conseguem projetar, com ajuda das pistas prosódicas, sintáticas e pragmáticas, a finalização possível de uma UCT.

Assim, ao longo do desenvolvimento de um turno de fala por um dos participantes da interação, está sempre ocorrendo o acionamento de diferentes UCT e a projeção de seus respectivos encerramentos. Nos momentos em que uma UCT é finalizada, o falante que detém o turno naquele momento pode iniciar uma nova UCT, continuando assim na posse do turno de fala, ou algum dos ouvintes em questão pode tomar para si a palavra, a partir da inserção de uma nova UCT. Nestes momentos de transição entre o fim de uma UCT e o início de outra, os autores postulam a presença de um **Lugar Relevante para a Transição** de turno (doravante LRT), de modo que estas ocasiões podem se constituir como possíveis deixas ou sinalizações para que o turno de fala seja tomado por outro participante.

Galembeck (1995, p.71-76) propõe uma classificação das dinâmicas de troca de turno de fala que considerei profícua para a análise aqui apresentada. O autor divide os processos de alternância de turno de fala entre **passagem de turno** e **assalto ao turno**. No primeiro caso, as passagens ocorrem necessariamente em lugares relevantes para a transição de turno e são marcadas por elementos que sinalizam de alguma forma o término do turno do falante e a passagem ao seu interlocutor. Já no segundo caso, os assaltos podem ocorrer ou não em lugares relevantes para a transição, de modo que há uma tomada de turno por parte do (antes) ouvinte sem que haja uma sinalização de encerramento por parte do falante.

As passagens de turno são, ainda, divididas por Galembeck (1995) entre (a) **passagens requeridas**, que ocorrem quando o falante sinaliza explicitamente que está passando o turno ao seu interlocutor, por meio de uma pergunta, por exemplo, e (b) **passagens consentidas**, que ocorrem quando há uma sinalização implícita de passagem de turno, como com uma pausa longa após uma sentença declarativa. Quanto ao assalto ao turno, Galembeck (1995) propõe uma divisão entre (a) **assaltos com deixa**, que podem ocorrer em um lugar relevante para a transição, como em momentos em que o ouvinte aproveita uma hesitação ou o fim de uma UCT para tomar o turno para si, mesmo que o seu parceiro interacional não tenha terminado de construir a sua contribuição, e (b) **assaltos sem deixa**, que ocorrem fora de um lugar relevante para a transição de turno, com uma tomada de turno brusca e inesperada por parte do interlocutor.

Galembeck (1995) ainda faz uma importante ressalva sobre a natureza dos lugares relevantes para a transição de turno, quando diz que:

O conceito de lugar relevante para a transição (LRTs) é **intuitivo**, por isso o analista da conversação defronta-se com dificuldade para determinar os LRTs, ainda que assuma a perspectiva do ouvinte. Essas dificuldades decorrem da circunstância de não ser o final do turno algo que se evidencie por si, assim, é preciso identificar os LRTs pelo maior número possível de pistas ou marcadores de final de turno. (GALEMBECK, 1995, p. 71-72, grifo adicionado)

Este caráter intuitivo ressaltado por Galembeck (1995) faz referência a um aspecto central para a Análise da Conversação, principalmente de orientação Etnometodológica, que é o esforço empreendido pelo analista por identificar as perspectivas êmicas dos participantes, estabelecidas *in loco* durante a interação, já que é através destas perspectivas que as interações de fato se organizam e se desenvolvem. Como enfatizam Watson e Gastaldo (2015), a Análise da Conversa em sua vertente Etnometodológica enfoca “os etnométodos empregados pelas pessoas quando conversam, visando a produzir não somente frases, mas perguntas, respostas, convites, saudações, despedidas, etc.” (WATSON; GASTALDO, 2015, p. 88).

Tais etnométodos são sempre focalizados a partir do ponto de vista dos interagentes, reiterando a necessidade, para a Análise da Conversação, da adoção de uma metodologia empírica, uma vez que é preciso recorrer a dados reais de interações e não a “teorizações apriorísticas a respeito da fala humana” (WATSON; GASTALDO, 2015, p.89).

Uma vez estabelecido o conceito de turnos de fala no qual me baseio, cabe salientar também que eles podem muitas vezes formar parte, na interação, de **pares adjacentes**, como os pares pergunta-resposta, pedido-aceitação, pedido-recusa, saudação-resposta à saudação, entre outros. Nesses pares, quando a primeira parte é introduzida por um dos participantes há

uma previsibilidade de que o seu interlocutor vá tomar o turno para realizar a ação correspondente àquele par, como, por exemplo, quando uma participante realiza uma pergunta e se espera que haja, por parte de seu interlocutor, alguma resposta, de modo que, do contrário, é possível que se produza um desconforto interacional.

Além da noção de turno de fala, também é fundamental para esta análise o conceito de **tópico discursivo**. Encaro o tópico discursivo como “uma questão de conteúdo, estando na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes no ato interacional” (FÁVERO, 1995, p. 38), podendo ser definido como “sobre o que” se conversa. O tópico discursivo é, assim, operacionalizado através do critério de “**centração**”, que abrange três traços principais, como assinalam Jubran et al. (2002): a) concernência, ou seja, os enunciados apresentam uma relação semântica entre si, um implica, se associa ou exemplifica o outro; b) relevância; isto é, o tópico é relevante para os interlocutores; e c) pontualização, que significa que o tópico está localizado em determinado momento da mensagem.

Os tópicos discursivos também apresentam certa organicidade, de modo que podem se estabelecer relações hierárquicas entre, de um lado, tópicos mais abrangentes, que podem ser chamados de **supertópicos**, e, de outro, tópicos menores, chamados **subtópicos**, que, por sua vez, seriam mais específicos e delimitados que os primeiros e estariam inseridos dentro deles. Essas divisões podem se ramificar ainda mais à medida que a interação e a conversação se desenvolvem. Ao final, quando analisamos uma interação e descrevemos a organização dos diferentes supertópicos, subtópicos e possíveis sub subtópicos, delineamos o **quadro tópico** daquela interação.

A dinâmica de organização de tópicos discursivos é, assim como a troca de turnos de fala, negociada entre os participantes. Para auxiliar na delimitação tópica de um evento comunicativo, os interlocutores podem fazer uso de **marcadores linguístico-discursivos** (JUBRAN et al., 2002), com o objetivo de sinalizar e explicitar durante a conversação o início, o desenvolvimento e encerramento dos tópicos. Tais marcadores podem ser, segundo Jubran et al. (2002), marcas linguísticas, paralinguísticas ou discursivas. As autoras também propõem uma classificação das marcas linguísticas de acordo com o nível no qual se manifestam; assim, podem ser de ordem prosódica (p.ex. entonação ascendente ou descendente); morfossintática (p.ex. estruturas de topicalização); léxico-semânticas (p.ex. enunciados conclusivos e estruturas ritualizadas de abertura ou fecho de tópico); ou ainda pausas, hesitações e outras marcas discursivas, como perguntas retóricas.

É importante ressaltar que o uso de marcadores linguístico-discursivos é facultativo, isto é, podem se estabelecer, ao longo da interação, mudanças no encaminhamento do tópico

discursivo sem que os interlocutores utilizem marcadores linguístico-discursivos para delimitá-las. Além disso, há a possibilidade de os participantes, quando usarem marcadores linguístico-discursivos para a delimitação tópica, lançarem mão de mais de um ao mesmo tempo, de modo que haja uma co-ocorrência de dois ou mais marcadores para delimitar a mesma transição de tópico, como, por exemplo, um enunciado conclusivo conjugado a uma entonação descendente e seguido de uma pausa.

As autoras também salientam a multifuncionalidade que os marcadores linguístico-discursivos podem apresentar, já que estruturas linguísticas que podem atuar delimitando fronteiras de tópicos podem, também, cumprir outras funções gramaticais e discursivas. Um exemplo que torna evidente tal multifuncionalidade é o termo “bom”, que pode atuar tanto como iniciador de um tópico, quanto como adjetivo qualificativo ou atributivo.

Tendo especificado os conceitos centrais de tópico discursivo e turno de fala, me volto à Sociolinguística Interacional e às categorias de análise trazidas por essa tradição de estudos e de interesse para esta investigação.

4.2. ENQUADRES INTERATIVOS E ESTRUTURAS DE PARTICIPAÇÃO

A partir da Sociolinguística Interacional, me valho da noção de **enquadre**, ou “frame”, como postulada inicialmente por Bateson (2013[1972]). Bateson propõe que não é possível haver comunicação, ou interação de um modo geral, sem que os participantes de dada ação a enquadrem de alguma maneira. O enquadre seria, dessa forma, um processo psicológico fundamental na definição de “o que está acontecendo aqui e agora”.

Posteriormente, Tannen e Wallat (2013[1987]) contribuem para a conceituação do enquadre interativo como sendo um processo de delimitação essencial para a interpretação de qualquer elocução como uma ação verbal propriamente dita, isto é, sem “enquadrar” o que está sendo dito em uma categoria socioculturalmente estabelecida de evento comunicativo, não conseguimos interpretar o que alguém está dizendo. É através de um enquadre, portanto, que podemos compreender e rir de uma piada, pois a entendemos como uma piada e a diferenciamos, por exemplo, de um pedido de informação.

Além disso, é a partir dos enquadres que determinamos, também, a forma como devemos reagir ou nos comportar diante de determinada situação comunicativa. Ao enquadrarmos uma situação como uma conversa entre amigos no bar, podemos nos sentir mais à vontade para tomar o turno de nossos interlocutores e fazer comentários mais

descontraídos, diferentemente de se os mesmos participantes, no mesmo local, fossem enquadrados como participando de uma entrevista concedida a um amigo para a sua pesquisa.

Goffman (2013[1979]) aprofunda a noção de enquadre e o exame de seus impactos no comportamento interacional dos participantes de um evento comunicativo propondo o conceito de *footing*, traduzido também como alinhamento. O **footing** pode ser compreendido como o modo como nos posicionamos diante de um determinado enquadre, englobando, assim, o alinhamento físico, ou seja, o posicionamento espacial dos participantes; os gestos utilizados ao longo da fala; a entonação e o volume de voz empregados durante a interação; e até mesmo, em situações multilíngues, o idioma e o registro que são utilizados. Dessa forma, dependendo do enquadre que o participante realiza de determinada situação comunicativa, ele também se apresentará de determinada forma diante de seus interlocutores.

É importante ressaltar, ainda, que os enquadres, mesmo sendo processos psicológicos que ocorrem quase que involuntariamente a todo momento, continuam sendo socioculturalmente estabelecidos e localmente negociados. É possível, portanto, que ao longo de uma mesma interação haja, entre os participantes, mudanças de enquadres e *footings* pelos mais variados motivos. Também é possível que a maneira como um indivíduo de uma determinada cultura enquadra uma elocução não seja igual àquela de seu interlocutor proveniente de outra cultura.

Os enquadres interativos também dialogam intimamente com a noção de **esquemas de conhecimento** (TANNEN; WALLAT, 2013[1987]). Os esquemas de conhecimento são as estruturas que fazemos a partir das informações que temos acerca do mundo, ou seja, são o conhecimento prévio ao qual recorremos a todo momento e que é construído a partir de nossas experiências no mundo sociocultural. Isto quer dizer que, sempre que enquadrarmos uma determinada situação sociocomunicativa como tal, estamos fazendo isso a partir de nossos esquemas de conhecimento; assim, uma pessoa que nunca teve contato com a celebração do *Katxanawa*, uma festa tradicional Kaxinawá vinculada aos rituais de fertilidade, pode não enquadrá-la como tal, pelo fato de essas informações prévias não estarem presentes em seus esquemas de conhecimento.

É importante, no entanto, frisar que não basta recorrer aos nossos esquemas de conhecimento prévios para enquadrar uma situação comunicativa, nós também interpretamos as pistas que surgem na própria interação e as relacionamos aos nossos esquemas de conhecimento. Essas pistas são as **convencões de contextualização**, analisadas por Gumperz (2013[1982], p. 152) como sendo “todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais”. Assim, as pistas de contextualização podem ser

desde elementos prosódicos, como o tom e o volume de voz de nossos interlocutores até expressões metacomunicativas que comentam sobre a situação comunicativa em jogo. Com efeito, em situações de multilinguismo, as línguas que estão sendo utilizadas em determinada situação comunicativa e a própria mudança de códigos, ou *code-switching*, também desempenham um papel como pistas de contextualização que nos ajudam a enquadrar eventos comunicativos.

Ao definir o que está acontecendo e ao recorrer ao conhecimento prévio e tácito sobre a ordenação dos eventos comunicativos em determinada realidade sociocultural e histórica, os participantes de uma interação mobilizam, também, diferentes formas de estruturá-la, definindo, por exemplo, quem pode falar sobre o que e em que momentos, assim como a quem cabe ouvir atentamente e em que momentos. A essas atribuições de papéis, que não são fixas e podem ser modificadas ao longo da interação, Goffman (2013[1979]) dá o nome de estruturas de participação e formato de produção.

De um lado, as **estruturas de participação** se referem “[à] relação de todas as pessoas no agrupamento com uma dada elocução” (GOFFMAN, 2013[1979], p.125), isto é, às formas a partir das quais os indivíduos podem participar ativamente de uma interação, seja como ouvintes ratificados por quem está com a posse do turno de fala, seja como o próprio falante em questão. As estruturas de participação também influenciam, por exemplo, na seleção de estratégias, por parte dos ouvintes ratificados e não ratificados pelo falante, para a tomada do turno de fala ao longo daquele evento comunicativo. Assim, no decorrer das interações face-a-face, podem ocorrer diferentes estruturas de participação, que, por sua vez, podem ser negociadas entre os participantes. Vale ressaltar a íntima relação existente entre footing e enquadre, por um lado, e as estruturas de participação de outro, de modo que uma mudança de enquadramento pode acarretar em uma reorganização das estruturas de participação.

A contraparte às estruturas de participação é o **formato de produção**, enquanto aquelas são importantíssimas para compreender a posição dos ouvintes, e como estes podem participar de um evento sociocomunicativo, este diz respeito principalmente aos falantes no momento em que estão com a posse do turno de fala, e a como esses falantes fazem o uso da palavra. Dessa forma, é interessante compreender se quem está falando está ocupando o papel de autor do discurso que está proferindo, ou se está apenas animando palavras que foram escritas ou pensadas por outra pessoa, como em uma peça de teatro ou em uma declamação de poesia. Cabe também questionar se a pessoa está se colocando como representante de algum grupo específico ou se é ela a única responsável por suas palavras. Em suma, o formato de produção de uma fala diz respeito aos papéis sociais e interacionais que são assumidos pela

pessoa que está produzindo, naquele momento, as contribuições verbais e não verbais para aquele evento.

Com a delimitação desses conceitos do campo da Sociolinguística Interacional, assim como daqueles referentes à área da Análise da Conversação, específico mais detalhadamente, na seção a seguir, os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

4.3. MATERIAIS DE ANÁLISE

Nesta monografia, são apresentados os resultados da comparação de dados provenientes de diferentes materiais de análise, que podem ser divididos em dois grupos: a) As entrevistas sociolinguísticas, e b) Os materiais audiovisuais.

Em um primeiro momento no percurso investigativo do grupo de pesquisa, já contávamos com um conjunto de entrevistas sociolinguísticas, coletadas em trabalho de campo realizado em 2014 - no âmbito do projeto “Efeitos do contato linguístico: aspectos morfossintáticos do Português Huni Kuin (Kaxinawá)” - com apoio financeiro da FAPERJ, nos municípios de Cruzeiro do Sul e Marechal Thaumaturgo, no Acre, assim como nas aldeias Kaxinawá localizadas na TI Kaxinawá Ashaninka do Rio Breu. Nessas situações comunicativas, registradas em formato de áudio, participantes Kaxinawá interagem verbalmente com a pesquisadora Beatriz Christino, em português.

Foram analisadas, para esta monografia, vinte (20) entrevistas sociolinguísticas com colaboradores Kaxinawá, totalizando 6 horas, 51 minutos e 39 segundos de áudio. A tabela 1, na página a seguir, expõe os dados referentes à duração de cada uma das entrevistas sociolinguísticas. Estas entrevistas também foram analisadas detalhadamente em Christino e Peres da Costa (2020).

TABELA 1: Entrevistas sociolinguísticas com colaboradores(as) Kaxinawá

Colaborador	Tempo	Colaborador	Tempo	Colaborador	Tempo
AB	30m 44s	FH	10m 44s	RH	28m 04s
AC	08m 31s	GP	22m 13s	RI	26m 12s
AH	21m 04s	GS	09m 53s	TE	22m 30s ⁴
AS	14m 19s	MX	22m 46s	TJ	10m 26s
AP	18m 03s	MY	47m 29s	VB	12m 11s
EH	09m 07s	PE	24m 11s	ZM	26m 22s
FB	39m 46s	PT	07m 04s ⁵	-	-
TOTAL (geral)			6h 51m 39s		

É possível identificar, através da análise da tabela acima, que as entrevistas não apresentam durações uniformes, podendo se estender desde nove minutos de duração até quase quarenta e oito minutos. Todas as entrevistas da Tabela 1 já contavam com transcrições realizadas por outros membros do grupo de pesquisa, e foram, portanto, apenas revisadas para a presente pesquisa.

As entrevistas sociolinguísticas também podem ser descritas como situações comunicativas assimétricas, com estruturas de participação e formatos de produção bem delimitados, nos quais a pesquisadora normalmente guia a interação, fazendo perguntas aos colaboradores de pesquisa entrevistados, e estes, por sua vez, respondem ao que lhes for perguntado. Isso também acarreta não só em um maior controle dos turnos de fala e dos tópicos discursivos por parte da pesquisadora, mas também em uma assimetria no que diz respeito à duração dos turnos de fala, isto é, os colaboradores geralmente fazem uso de turnos mais longos que a pesquisadora e, ao mesmo tempo, a pesquisadora costuma colaborar na interação assumindo o papel de ouvinte atenta, o que se evidencia no grande número de turnos inseridos por parte dela nos turnos dos Kaxinawá.

Levando em consideração as limitações relativas ao fato de todas as interações que vinha compondo o material de análise a) terem sido entrevistas provocadas pela pesquisadora e b) terem sido recolhidas em forma de áudio, não registrando dados como alterações de movimentos, expressões faciais e gestos; o grupo de pesquisa começou, a partir de 2020, a buscar outros materiais, em formato audiovisual, disponíveis livremente em plataformas digitais como o YouTube e em redes sociais como Facebook e Instagram para serem, também,

⁴ O tempo de 22m 30s engloba duas gravações de entrevistas com TE transcritas. Da primeira entrevista, foram transcritos 7m 40s de um total de 20m 16s. Da segunda, foram transcritos 14m 50s de um total de 26m 58s, totalizando 22m 30s já transcritos de 47m 14s. Os 24m 44s restantes das interações estão ainda, por transcrever.

⁵ A gravação da entrevista de PT possui, ao todo, 16m 30s, porém apenas 7m 04s foram transcritos. Os 11m 26s restantes da interação estão, ainda, por transcrever.

analisados. Nestas interações, os participantes Kaxinawá interagem com diferentes interlocutores não-indígenas, em situações comunicativas consideravelmente diferentes das entrevistas sociolinguísticas.

Foram analisados, para esta monografia, 6 materiais audiovisuais, contabilizando ao todo 2 horas, 18 minutos e 4 segundos de vídeo. A tabela 2, abaixo, expõe as interações com os nomes em que estão divulgadas nas plataformas digitais, seguidas dos dados referentes à duração, assim como a fonte de cada um dos materiais. As interações transculturais marcadas com um * também foram analisadas em Christino e Peres da Costa (2021).

TABELA 2: Materiais audiovisuais coletados em plataformas de livre acesso

Material	Tempo	Procedência	Transcrição	Revisão
Message to the world from Huni Kuin shaman Antonio Ikamuru* ⁶	04m 26s	Youtube	João Pedro Peres	Beatriz Christino
Atraves // Entrevista com o artista Ibã Huni Kuin (Isaías Sales)* ⁷	41m 39s	Youtube	João Pedro Peres	Beatriz Christino
Busca da visão - Apresentação dos Kaxinawa ⁸	10m 29s	Youtube	Carlos Chacon e Gabriel Ferrarez	Beatriz Christino
Entrevista com Ninawa Hunicuí - Líder do Movimento Indígena em 19 04 2012 Bloco 3* ⁹	10m 48s	Youtube	João Pedro Peres	Carlos Chacon e Gabriel Ferrarez
PLANETA ACRE - 23/6/2017 ¹⁰	15m 23s	Youtube	João Pedro Peres e Gabriel Ferrarez	João Pedro Peres
I PARTE - LIVE PREMIAÇÃO da I RIFA do LIVRO <i>UNA ISI KAYAWA</i> 09/08/20 ¹¹	55m 19s	Instagram do grupo ReluzArt	João Pedro Peres	Beatriz Christino

O primeiro vídeo da tabela é uma mensagem de Antonio Ikamuru, em que ele conta um pouco de si, da sua aldeia e do trabalho que desenvolve. Toda a gravação está legendada em inglês e disponível no Youtube no canal de Wiggert Meerman. Nesta situação comunicativa, ainda que não ocorram trocas de turno entre diferentes falantes na tela, é possível dizer que estamos diante de uma interação (assíncrona) de Antonio com as pessoas que veem/verão o vídeo, e também, de uma interação (síncrona) de Antonio com quem esteve presente no momento da filmagem. Em contraste com os demais eventos comunicativos

⁶ disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yz9IWN02j5I>> acesso em 27 de dezembro de 2021.

⁷ disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5VDWwj1ViD0&t>> acesso em 27 de dezembro de 2021.

⁸ disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bVs1s0YK8oI&t>> acesso em 27 de dezembro de 2021.

⁹ disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Cu-TFoyiXoY&t>> acesso em 27 de dezembro de 2021.

¹⁰ disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JeIZmq2F16k>> acesso em 27 de dezembro de 2021.

¹¹ disponível em <<https://www.instagram.com/tv/CDy9DUwntq0/>> acesso em 27 de dezembro de 2021.

analisados, o formato de produção desta situação se caracteriza pelo controle integral da duração e alternância dos tópicos discursivos por parte de Antonio Ikamuru que também tem o poder de decidir o momento de finalização de seu turno de fala.

O segundo vídeo da tabela retrata um evento no Museu de Arte Moderna (MAM), em São Paulo, com artistas Kaxinawá, vinculados ao Movimento de Artistas Huni Kuin, (MAHKU). Na interação analisada, figuram, na tela, três participantes: dois artistas do MAHKU, Txaná Banê e Ibã Sales, e Amilton Pelegrino de Mattos, pesquisador não-indígena. A interação também conta com uma mediadora que não aparece no vídeo, mas cuja voz podemos escutar ao longo da gravação. Em alguns momentos, são audíveis, também, outras vozes, presumivelmente de membros da equipe do MAM. A estrutura de participação e o formato de produção desta interação se caracterizam por ser relativamente flexíveis, por vezes se aproximando a uma roda de conversa em que os participantes têm liberdade para tomar o turno uns dos outros e, em outros momentos, resguardando semelhanças com entrevistas, à medida que a mediadora e outros participantes fazem perguntas aos três integrantes que aparecem em tela e eles as respondem.

O terceiro vídeo é um depoimento de dois xamãs Kaxinawá junto a um integrante da ONG Irmandade Polimata, sendo que os três participantes aparecem em tela. Nessa interação, o integrante da ONG guia os tópicos discursivos, trazendo perguntas aos participantes Kaxinawá, que, por sua vez, desenvolvem os tópicos propostos. A estrutura de participação desta interação permite que todos os integrantes do evento detenham, em algum momento, um turno mais longo de fala, sendo que o integrante da ONG contribui com turnos inseridos às falas dos participantes Kaxinawá.

O quarto vídeo examinado é uma entrevista concedida por Ninawá Huni Kuin, liderança do movimento indígena e presidente da FEPHAC, à TV Gazeta do Acre, no dia 19 de Abril de 2012. Dessa interação, participam diretamente o jornalista, Alan Rick, e Ninawá Huni Kuin. Quanto à sua estrutura de participação e formato de produção, é importante destacar, que o jornalista exerce um considerável controle tanto da duração dos turnos de fala, quanto da seleção e direcionamento dos tópicos abordados nessa interação, em diferentes momentos assaltando o turno de Ninawá para redirecionar o tópico discursivo.

O quinto vídeo da tabela é também uma entrevista, desta vez concedida por Zezinho Yube à rádio difusora Planeta Acre em 2017. O interlocutor de Zezinho é o locutor da rádio. A estrutura de participação desta interação é semelhante àquela das entrevistas sociolinguísticas, de modo que Zezinho faz uso de turnos de fala mais longos enquanto o entrevistador contribui

através de turnos inseridos, curtos, e também com perguntas que direcionam o tópico discursivo.

O sexto e último vídeo examinado é uma Live de Instagram, realizada em 2020 na página do grupo Reluz Arte Brasil. Os participantes desta live são Siã Txaná Huibei, a Mediadora Renata e três das ganhadoras de uma rifa do livro de cura *Una Isi Kayawa*. No entanto, por se tratar de uma interação mediada por plataformas digitais, está posta a limitação do Instagram que só permite que duas pessoas estejam aparecendo em vídeo na live por vez, de modo que a mediadora permanece na Live durante todo o evento enquanto os outros participantes vão entrando e saindo à medida que a Live avança. Vale salientar que a estrutura de participação vai se alterando ao longo do evento, havendo momentos que mais se assemelham a uma conversa informal entre Siã e a mediadora Renata, e também as intervenções das ganhadoras, que são contribuições de apenas um turno em resposta ao chamado de Renata.

Tendo explicitado como foram coletados e organizados os materiais de análise, na subseção seguinte discorro sobre os procedimentos de transcrição adotados nesta investigação.

4.4. TRANSCRIÇÃO E PREPARAÇÃO DOS DADOS

Como ressalta Duranti (1997, p.161 apud GARCEZ, 2002, p.84) “a transcrição é um processo seletivo, que busca salientar certos aspectos da interação, de acordo com as metas investigativas específicas”, além de que “não há uma transcrição final, apenas versões ‘diferentes’, ‘revisadas’, de um texto de transcrição anterior para um propósito específico, para uma plateia específica” (DURANTI, 1997, p.161 apud GARCEZ, 2002, p.85). Sendo assim, fez-se necessária uma atenta e criteriosa revisão de transcrições com as quais o grupo de pesquisa já contava e utilizou nas investigações de cunho morfossintático. Com essa revisão, buscou-se enfatizar e registrar aspectos discursivos e interacionais que não estavam registrados nas versões anteriores de transcrição, para, então, poder de fato integrá-las a nosso material de análise.

Quanto aos critérios de transcrição, vale frisar que todas as transcrições, realizadas ou revisadas, seguem as convenções ortográficas da língua portuguesa. A opção por esse modelo se deu principalmente por conta de três motivos: (1) por não estarmos investigando fenômenos fonético-fonológicos; (2) por esta forma de transcrição não inviabilizar o reconhecimento de particularidades morfossintáticas, que eram o foco de estudos anteriores

do grupo de pesquisa; e (3) para que as transcrições pudessem ser, sobretudo, plenamente acessíveis a todo Kaxinawá alfabetizado em língua portuguesa. Dessa maneira, entramos em consonância com Duranti (1997, p.161 apud GARCEZ, 2002, p.84), quando afirma que “devemos estar criticamente conscientes das implicações teóricas, políticas e éticas de nosso processo de transcrição e dos produtos finais que dele resultam”.

Também foram adotadas as seguintes convenções de transcrição, expostas no quadro 1, abaixo e adaptadas da proposta de Gago (2016).

QUADRO 1: Convenções de transcrição

Processo/ fenômeno	Convenção adotada
Fala sobreposta	[colchete
Pausa em décimos de segundo	(0.5)
Micropausa de menos de 2 décimos de segundo	(.)
Contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos	=
Descida de entoação	.
Subida de entoação	?
Entoação contínua	,
Alongamento de som	:
Auto-interrupção	/
Acento ou ênfase de volume	MAIÚSCULA
Fala mais baixa imediatamente após o sinal	°
Trecho falado mais baixo	°palavras
Fala comprimida ou acelerada	>palavras<
Desaceleração da fala	<palavras>
Início acelerado	>palavras
Início desacelerado	<palavras
Fala reportada	“palavras”
Aspirações audíveis	Hhh
Aspirações durante a fala	(h)
Comentários do analista	((comentário))
Transcrição duvidosa	{palavras}
Transcrição impossível	(INC) (=incompreensível)

Para proteger as identidades dos colaboradores de pesquisa no caso das entrevistas sociolinguísticas, optamos, no âmbito do grupo de pesquisa, por identificá-los através de siglas. Para os materiais audiovisuais, como eles estão disponíveis online e a identidade dos participantes já está divulgada publicamente, foram mantidos os nomes como forma de

identificação. A fonte utilizada para a apresentação dos excertos é a Courier New, como de praxe nos estudos da Análise da conversação, e também numerei as linhas dos excertos para facilitar a referência no texto. Vale ressaltar, também, que os aspectos prosódicos da fala dos participantes foram analisados impressionisticamente, sem o auxílio de programas de análise prosódica como o Praat. Para as transcrições dos materiais audiovisuais coletados, utilizei o programa ELAN, desenvolvido pelo instituto Max Planck de Psicolinguística de Nijmegen, Holanda (ELAN. Versão 5.4. 2018).

Enquanto os áudios das entrevistas e os vídeos de curta duração (menos de 16 minutos) foram integralmente transcritos e revisados, para os materiais audiovisuais mais extensos foi adotada uma metodologia diferente, composta de algumas etapas. Em um primeiro momento, eu assistia integralmente ao vídeo que estava em processo de transcrição, realizando algumas notas intencionalmente esparsas, como proposto em Erickson e Schultz (1981), localizando momentos de interesse para a análise interacional, como alternâncias de turnos de fala, redirecionamento do tópico discurso, um assalto ao turno ou ainda a presença de alguma estrutura semelhante às fórmulas de fechamento que haviam sido já encontradas nas entrevistas. Em seguida, se delimitavam os momentos mais interessantes para a análise, descartando-se intervalos consideráveis de tempo em que não houvesse troca de turnos, mudança do tópico ou algum elemento que fosse de interesse para a análise e, então, realizei o processo de transcrição apenas dos momentos selecionados. Assim, não foram feitas transcrições integrais de todos os materiais audiovisuais em questão.

Uma vez transcritas as gravações, as transcrições no ELAN foram exportadas a um arquivo de texto para leitura e análise e posterior revisão pela orientadora ou por outros membros do grupo de pesquisa.

4.5. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Uma vez que o foco deste trabalho são as fórmulas de fechamento e os seus usos por falantes de Português Kaxinawá, um primeiro procedimento de análise adotado foi o levantamento de ocorrências de fórmulas de fechamento nos diferentes materiais. Para além disso, visando a um melhor exame das funções que poderiam estar cumprindo as fórmulas de fechamento em cada interação, também foi necessário olhar atentamente para as fronteiras de turno de fala assim como de tópicos discursivos.

A delimitação das fronteiras de turno conversacional foi realizada verificando como se dava a passagem do turno entre os interlocutores em questão e, também, verificando as vezes

em que houve assalto ao turno. Para isso, foi fundamental a marcação de pausas e dos momentos de sobreposição de falas.

Foi necessário avaliar, primeiramente, se a fronteira de turno era uma passagem requerida ou não, isto é, se o falante solicitou que seu/sua parceiro/a interacional tomasse o turno ou não. A principal marca que evidenciava uma passagem de turno nas entrevistas foi a presença de:

(a) **entonação ascendente típica de pergunta**, no final do turno, como destacado pelo “?” na linha 2 no Excerto 1.

Excerto 1:

1	(B) e como que é o seu trabalho com a:: erva medicinal
2	(.) com as ervas?
3	(TJ) eu trabalho com a erva medicinal tradicional [...]"

(b) formulação de pergunta indireta, como identificado nas linhas 1 a 3 do excerto 2.

Excerto 2:

1	(B) então e (.) eu queria agradecer e queria perguntar se
2	você quer contar mais alguma coisa (.) contar de quando
3	era pequeno [ou alguma coisa]
4	(MY) [oi não], °pode perguntar

Para os casos em que não havia nenhum processo que pudesse ser identificado claramente como passagem requerida, identifiquei se havia algum tipo de sinalizador que pudesse indicar que o/a participante tivesse concluído seu turno de fala, configurando uma passagem consentida. Considerei possíveis sinalizadores:

(a) **enunciados conclusivos**, como identificado nas linhas 2 e 3 do excerto 3, desde o marcador “mas” junto a uma pausa longa até o final do turno

Excerto 3:

1	(MG) não teve BEM bem porque a gente luta com, muitas
2	coisa né (1.5) mas (2.0) graças a Deus dá pra gente (.)

3 | ir vivendo
4 | (B) e com o que que tem que lutar?

(b) **entonação descendente**, como sinalizado pelo ponto final “.” na linha 2 do excerto 4.

Excerto 4:

1 | (TJ) sobre a/ pro batismo é sobre a/ tem dieta também né
2 | uma semana e (2.0) com a (.) medicina também.
3 | (B) e é pra criança pequena?

(c) **fórmulas de fechamento** que fechavam o tópico de uma pergunta da pesquisadora, no caso das entrevistas sociolinguísticas, como identificado na linha 2 do excerto 5, após a micropausa “(.)”

Excerto 5:

1 | (MX) [...] aí a gente vai junta (.) gente pega e senta na
2 | escola aí vai fazendo (.) é assim nós trabalha
3 | (B)e como é que tá o trabalho de agente de saúde aqui na
4 | aldeia?

(d) períodos de pausa maiores que 2 segundos, como identificado na linha 8 do excerto 6.

Excerto 6:

1 | (Ibã) [...] essa não tá (.) FEItO (.) não tá:: (.) pronto
2 | não (.) e da/ essa aqui/ início a gente tava (.) eu tô
3 | fazendo só o início (.) abrindo o caminho (.) e vamo lá
4 | agora vamo fazer novo gerações que eu vou fazer
5 | compreendendo (.) e fazer mais outro moderna (0.5) mas
6 | MESmo conversa (.) mas faz outro moderna vamo [INC]

7 | isso(.) isso que eu tô fazendo (.) sentido isso que eu tô
 8 | fazendo esse trabalho (6.00)
 9 | (Mediadora) muito obrigada [...]

Nos casos em que o turno de fala que antecede a fronteira de turno era apenas uma resposta a uma pergunta direta, também considere que havia uma passagem consentida, como ilustra a linha 2 do excerto 7.

Excerto 7:

1 | (B) quantos anos você tem?
 2 | (MY) eu tenho cinquenta e/ cinquenta e um ano (1.2)
 3 | (B) e:: quantos anos você tinha quando começou a falar
 4 | português?

Paralelamente, levei em conta os casos em que não era possível verificar nenhum dos tipos de sinalizador explícito ou implícito de finalização de turno em foco, e em que o falante aparentava não ter concluído sua fala. Para esses casos, considere que houve um assalto ao turno. Os assaltos foram categorizados como:

(a) **assalto com deixa**, quando algum elemento da fala do interlocutor poderia ser compreendido como ‘deixa’, como é o caso nas linhas 3 a 5 do excerto 8, em que Ibã realiza uma fórmula de fechamento, que pode ser compreendida como uma deixa ou sinalização de que tinha acabado de falar naquele turno, porém, a entonação contínua, sinalizada pela vírgula e o comentário que ele realiza nas linhas 10 e 11 deixam evidente que ele não tinha finalizado seu turno, caracterizando, assim, um assalto com deixa.

Excerto 8:

1 | (Ibã) eu tô também eu tô vendo/ falar de parceria TROca
 2 | de experiência (.) quem que fala troca de experiên/ hoje
 3 | eu tô falando é assim que (.) é assim que troca de
 4 | experiência é assim que faz,
 5 | (Mediadora) e é muito importante vocês na [INC] né dentro
 6 | do MAM também com:: reconhecimento(.) é:: (.) de todas as

7 artes de tá todo mundo junto né (.) e (.) vocês tão bem
 8 na entrada o que que vocês acharam de tá ali NESSE lugar
 9 ocupando ESSE lugar (0.25) dentro dessa exposição?(0.69)
 10 (Ibã) então antes/ antes de chegar nessa (.) tem três
 11 música(0.18) [...]

(b) **assalto sem deixa**, quando não há nada que possa ser interpretado como uma deixa para que o interlocutor possa tomar o turno, como nas linhas 3 e 4 do excerto 9.

Excerto 9:

1 (MY) "eu vou com ele, e vamo estudar" (.) aí meu irmão
 2 não me deixou (.) "vai não irmão (.) você não sabe falar
 3 português (.) vai fazer o que lá?" =
 4 (B) e não sabia mesmo?
 5 (MY) = °"rapaz (.) não (.) eu vou assim mesmo que tem que
 6 aprender né (.)" aí(2.0)

Os turnos de fala que serviam mais como uma demonstração de interesse da parte do(a) interlocutor(a) ou manutenção do elo comunicativo foram classificados como turnos inseridos, de modo que contabilizei apenas uma fronteira de turno, sem caracterizar realmente uma transição do papel de falante. É o que ocorre na linha 4 do excerto 10, em que Nuno apenas complementa o que Yukã está dizendo, e na linha 2 do excerto 11, em que B apenas sinaliza com um "uhum" que está ouvindo atentamente.

Excerto 10:

1 (Yukã) além de que a gente tem (.) tamo sendo
 2 discriminado tamo sendo preso por causa do nossa medicina
 3 tradicional da nossa floresta (1.34)
 4 (Nuno) A fa/ as grandes farmacêuticas não querem né
 5 (Yukã) não querem (.) não querem (.) não querem. (desde a
 6 entonação) então é isso eu sinto muito (.) né que (.)
 7 é::(1.28) eu tenho cinquenta anos de militar

Excerto 11:

1	(MX) aí ela levou pro pro rio no Foz do Jordão né =
2	(B) uhum
3	(MX) = aí ela foi levando levando aí eu encontrei o meu
4	pai

No que tange à delimitação de tópicos discursivos, foi necessário estar atento ao critério de centração (JUBRAN et al. 2002), para estabelecer em que momento da interação ocorria uma mudança de tópico. Levei em consideração, também, a hierarquização vertical de tópicos discursivos, uma vez que os tópicos podem ser divididos em subtópicos ou agrupados em macrotópicos. Sendo assim, construí um quadro tópico (JUBRAN *et al.* 2002) das interações, procurando agrupar os tópicos que pertenciam a um mesmo macrotópico, mas que, às vezes, não se encontravam adjacentes na interação.

Para melhor ilustrar esse processo de análise, o quadro 2, abaixo, expõe um exemplo de um quadro tópico referente a uma das entrevistas com um(a) colaborador(a) Kaxinawá. A numeração dos Segmentos Tópicos (S1, S2, S3...) reflete sua ordenação linear na conversação.

QUADRO 2: Quadro tópico da entrevista com MY

Tópico		Segmentos Tópicos
1 - Apresentação		S1: Apresentação de MY S5: Apresentação de MY
2 - Educação	Subtópicos	S2: Motivo de MY estar em Cruzeiro S3: Trajetória acadêmica de MY S6: Experiência de MY com o aprendizado da língua portuguesa
	2.1 - Formação Acadêmica	S20: Cerimônia de formatura de MY S27: Início dos Estudos de MY S28: Contato com outros professores durante a formação
	2.2 - Escola Indígena	S4: Necessidade de apoio do governo à Educação Indígena S7: Estrutura física da escola na aldeia de MY S9: Níveis de ensino na escola da aldeia de MY S14: Merenda regionalizada nas escolas indígenas (S16: Organização da sala de aula) ¹² S17: Material didático utilizado na escola indígena S29: Presença de meninas na escola de MY

¹² O segmento 16 está entre parênteses pois se trata de um segmento que apresenta relações tanto com o subtópico 2.2 - Escola Indígena, quanto com o subtópico 2.3 - Atuação Profissional.

		S30: Função social da escola
	2.3 - Atuação Profissional	S8: Atribuições de MY como professor S15: Aula de português de MY (S16: Organização da sala de aula)
3 - Saberes Tradicionais		S11: Manutenção dos saberes tradicionais na aldeia de MY S36: Junção de saberes indígenas e não-indígenas
4 - Manejo da Caça		S12: Manejo da caça na aldeia de MY S13: Impactos ambientais do vizinho não-indígena na aldeia de MY
5 - Saudade da Aldeia		S19: Saudade da aldeia quando MY está em Cruzeiro
6 - Família		S21: Composição da família de MY S22: Morte de filhos de MY S23: Atribuições dos filhos de MY
7 - Infância		S24: Contato de MY com o mundo não-indígena S25: Experiência de MY como seringueiro S26: Subsistência pós era da borracha
8 - Festas		S31: Festas na aldeia de MY S32: Festa do Gavião S33: Bunauá S34: Nixpupima S35: Festa de Tirim
9 - Saúde		S37: Dificuldades com saúde S38: Atribuições do agente de saúde
10 - Digressões		<i>S10: Organização da aldeia</i> <i>S18: Distância da casa de MY para a de TE</i>

Cabe salientar que, apesar de muitas vezes os limites de turno conversacional coincidirem com limites de tópico discursivo, houve também casos em que vários tópicos se desenvolviam dentro de um mesmo turno, ou casos em que vários turnos se alternavam sem que houvesse uma mudança de tópico.

Estes procedimentos auxiliaram na identificação de possíveis funções que as fórmulas de fechamento poderiam estar desempenhando nas interações analisadas. Na seção a seguir, exploro, em mais profundidade, os resultados obtidos a partir da análise das interações transculturais investigadas.

5. FÓRMULAS DE FECHAMENTO EM FOCO

Divido esta seção em duas partes, na primeira, olho mais atentamente para os casos de fórmulas de fechamento presentes nas entrevistas sociolinguísticas enquanto que, na segunda, me detenho sobre as ocorrências nos materiais audiovisuais.

5.1. NAS ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS

Em Cristino e Peres da Costa (2020), levantamos um total de 190 fórmulas de fechamento, distribuídas nas falas de dezoito (18) dos vinte (20) colaboradores Kaxinawá. Dois colaboradores Kaxinawá não empregaram as fórmulas de fechamento. À medida que fui analisando as fórmulas, busquei verificar em mais detalhes as funções que elas poderiam estar realizando dentro da dinâmica interativa das entrevistas sociolinguísticas. Para melhor ilustrar as hipóteses levantadas, me valho de alguns exemplos nos excertos a seguir.

Excerto 12:

1	(B) e o que que você quer fazer (.) o que que você tem de
2	plano?
3	(AS) eu tenho de plano (1.5) eu quero fazer no meu
4	pesquisa como medicina tradicional pra fazer cura no meu
5	povo minha comunidade e todo terra indígena pra aquele
6	que tem algumas coisas tem que fazer alguns medicamentos
7	tem que fazer alguns agradecimento também (.) né (.)
8	então o meu pensamento é assim (.) como meu formação como
9	agente saúde né como até como nós como nós equilibrado
10	como huni kuin nauá como (.) em português né (.) nós tamo
11	junto como alguns pessoas sentindo alguns problema tem
12	que fazer cura tem que fazer uns dá medicamento pra fazer
13	com junto com alegria junto com junto com ele pra saber
14	aquele formação né (.) isso que eu tô pensando

No Excerto 12, é possível identificar duas fórmulas de fechamento destacadas em negrito nas linhas 8 e 14. A primeira está no interior do turno de fala em que ocorre e a segunda, no fim. É interessante notar que ambas fazem referência à própria construção discursiva, através das expressões “meu pensamento” e “isso que eu tô pensando”.

Também chamaram atenção alguns aspectos da configuração estrutural das fórmulas de fechamento. Ao analisar outros exemplos, parece existir tanto um padrão estrutural, à medida que as fórmulas eram sempre constituídas pelos operadores “isso” e/ou “assim”,

quanto espaço para variação na estrutura, ao passo que foram encontradas desde fórmulas como “é isso” até fórmulas do tipo “*assim eu trabalho fazer (.) fazer o do TCC pra ensinar fazer e crescer também*”.

O Excerto 13, abaixo, ilustra, ainda, outra particularidade encontrada ao longo da análise.

Excerto 13:

1 (B) e a artesã pra ensinar o kenê pras menina?
 2 (FB) sim (.) olha (1.0) aqui tem (.) tem um professor da
 3 escola, (.) tem um professor da (.) da (.) da katxanaua,
 4 (.) tem uma professora (.) até é a minha nora que mora
 5 aqui (.) ensina todas as c/ todas as MULHERes né (.) é
 6 kenê né (.) é professora (2.0) ISSO tudo tem (.) °não
 7 falta nada (.) todas as criança aqui ocê vê que não sabe
 8 sabe (.) começar a fia::r, começar a tece::r (.) aquele
 9 kenêzinho né (.) que até a PROFESSORA tá ensinando né (.)
 10 e cada dia tem uns professor (.) professora professor da
 11 da escola (.) professor da (.) kenê né (.) e professor da
 12 igreja né (.) °é isso que tá funcionando aqui ((risos))
 13 °é assim.
 14 (B) e pra caçar como é que apren[de?]
 15 (FB) [SIM] caçar assim (.)
 16 COMEça aprender com o pai (.) a criança (.) com dez ano
 17 >“papai quero ir também”< o pai vai caçar né (.) “ah eu
 18 quero ir” “quer ir? então bora” aí leva (.) aí vai
 19 começando conhecer o pique que >o pai vai caçando vai
 20 conhecendo vai< uma, duas, três, quatro, cinco vez °o
 21 menino já tá aprendendo já aprendeu o caminho (.)que vai
 22 e volta né (.) alguém entra na mata, aí mata o bicho né
 23 (.) às vez no meio do caminho mesmo né (.) >aí mata o
 24 bicho< o pai dele já tá (.) o pai já tá começando a
 25 ensinar o filho (.) ele já tá vendo como é que o pai tá
 26 matando né (2.0) AÍ quando já fica doze treze catorze ano

27 (.) >“papai me dá a espingarda me dá a espingarda”< °aí o
 28 pai “pega meu filho” o pai dele já tá ensi/ ensi/ já
 29 ensinou muitas vez né (.) aí começa matar >até os meu
 30 menino que ele aqui já< (.) já é pequeno (.) mas ele é
 31 macho mesmo e mata a caça (.) quem começa ensinar é o pai
 32 (1.0) AÍ bem pro fim (.) quando já tá grande (.) não vai
 33 mais mais o pai não (.) ele já sabe caçar às vez vai só
 34 (.) ou vai com com os irmão dele (.) °é assim (.) pra
 35 caçar é isso (2.0) e outra coisa (.) que eu:: gosto de
 36 falar mesmo coisa contar mesmo, (1.0) eu acho que você já
 37 sabe mais ou menos também (.) AQUI (0.5) quando eles caça
 38 (.) traz a caça né (.) às vez (.) nós divide (.) aquele
 39 que não dividiu (.) pra todo mundo (.) aí chama to::do
 40 mu::ndo (.) todo mundo vamos comer no cupixaua (.) °todo
 41 mundo a gente vai comer no cupixaua (.) pode ser criança
 42 tudo adulto tudo (.) °é assim (.) por isso que a gente
 43 tem o cupixaua ali (.) °é isso.

No excerto 13, acima, é possível identificar uma série de fórmulas de fechamento. Nas linhas 12 e 13, encontramos as fórmulas “°é isso que tá funcionando aqui” e “°é assim” justamente no final do turno de fala de FB. Em seguida, após uma nova pergunta da pesquisadora, encontramos duas fórmulas nas linhas 34 e 35, inseridas agora no interior do turno de FB, “°é assim (.) pra caçar é isso”, sendo que a última faz referência explícita ao tópico que vinha sendo desenvolvido anteriormente, isto é, a o aprendizado da caça. Logo após estas fórmulas, há uma mudança no tópico discursivo para o subtópico “distribuição da caça” e, por fim, outras fórmulas de fechamento aparecem nas linhas 42 e 43 no final do turno de FB, que, neste caso, coincide com o final da interação propriamente dita, são elas “°é assim (.) por isso que a gente tem o cupixaua ali (.) °é isso.”.

É interessante notar que é recorrente a presença de fórmulas sucintas como “é assim” e “é isso”, seguidas de fórmulas com configuração estrutural mais longa, como “pra caçar é isso” e “por isso que a gente tem o cupixaua ali”. Também chama atenção o fato de que as fórmulas nessa sequência foram todas pronunciadas de forma mais baixa que os enunciados imediatamente anteriores, como sinalizado pelos símbolos “°” na transcrição.

Esses exemplos fazem emergir uma série de possibilidades no que tange às funções e aos usos das fórmulas de fechamento nas interações envolvendo colaboradores Kaxinawá, como, por exemplo: Essas fórmulas estariam marcando sempre o fim de um tópico discursivo? Ou estariam marcando principalmente o encerramento de um turno de fala? Haveria algum padrão para a estruturação das fórmulas? E isso tem alguma relação com suas funções na interação?

A partir destas perguntas de investigação e com o objetivo de empreender uma análise mais acurada das fórmulas de fechamento no âmbito das entrevistas, buscando possíveis padrões de uso, classifiquei todas as fórmulas segundo três critérios: (1) operador utilizado; (2) localização na interação; e (3) configuração estrutural.

Quanto ao primeiro critério, operador utilizado, dividi as fórmulas entre: (a) aquelas que apresentavam o operador **isso**, como em “*é isso negócio de katxanawa*”; (b) aquelas que apresentavam o operador **assim**, como em “*assim que nós funciona nossa terra indígena*”.

O segundo critério, localização na interação, consiste na divisão entre: (a) fórmulas de fechamento que se encontravam **em final de turno**; (b) fórmulas de fechamento que se encontravam **em interior de turno**. Dessa forma, seria possível verificar com que frequência as fórmulas de fechamento poderiam atuar como sinalizadores de que o falante tinha acabado seu turno de fala.

Para o terceiro critério, configuração estrutural, dividi as fórmulas de fechamento entre: (a) fórmulas de **configuração estrutural simples**, construídas apenas com o verbo cópula e um dos operadores (isso ou assim), tal qual “*é isso*” ou “*é assim*”; e (b) fórmulas com **configuração estrutural mais complexa**, conformadas por outros elementos além do operador e verbo cópula, como em “*é assim nós trabalha*” e “*isso que eu tô pensando*”.

Para as fórmulas de configuração estrutural mais complexa, analisei de forma mais detida o seu conteúdo. A partir dessa análise, verifiquei dois fenômenos particularmente recorrentes: (1) que, em algumas fórmulas, havia a presença de menções explícitas à situação comunicativa, como em “*é só isso que eu queria dizer*”, (2) que, em outras, havia a retomada de elementos do tópico discursivo desenvolvido, como em “*é assim, pra caçar é isso*”, em que o tópico caçar é recuperado.

Assim, com base no corpus de fórmulas de fechamento levantado a partir das entrevistas sociolinguísticas, verifiquei a localização de cada uma das fórmulas e, como resultado, obtive a tabela 3, abaixo, que reúne, para cada falante, o número de ocorrências de fórmulas de fechamento em final e em interior de turno. A ordenação de entrevistas na tabela segue a ordem crescente de número de fórmulas utilizadas por falante.

TABELA 3: Ocorrências de fórmulas de fechamento por falante e sua localização nas entrevistas sociolinguísticas

Falante	Interior de T.	Fim de T.	Total	Falante	Interior de T.	Fim de T.	Total
AP	0	0	0	VB	4	4	8
PT	0	0	0	RH	0	9	9
EH	0	2	2	RI	6	4	10
AC	0	3	3	FH	7	4	11
GS	0	4	4	GP	1	10	11
AH	2	3	5	AS	4	9	13
TE	1	4	5	ZM	8	6	14
MY	0	6	6	PE	9	7	16
MX	0	7	7	FB	13	13	26
TJ	1	6	7	AB	11	22	33
Falante	Interior de T.	Fim de T.	Total				
TOTAL	67	123	190				
%	35.3%	64.7%	100%				

A partir da tabela 3, é possível ver que dezoito (18) dos vinte (20) colaboradores(as) Kaxinawá empregaram fórmulas de fechamento no decorrer das entrevistas. A maioria das ocorrências (123 casos) se deu em posição final de turno, enquanto que a posição de interior de turno (67 casos) foi comum a doze (12) colaborador(es).

Os casos em que o falante emprega a fórmula de fechamento em interior de turno consistem, principalmente, em momentos de transição entre um tópico e outro dentro de um mesmo turno conversacional. É interessante reiterar que, muitas vezes, as fronteiras de tópico discursivo coincidiam com as de turno conversacional. Dessa forma, fórmulas de fechamento que se encontram em final de turno também podem estar atuando como marcador linguístico-discursivo de delimitação tópica.

Quanto à configuração estrutural das fórmulas de fechamento, analisei o uso dos operadores “isso” e “assim”. A tabela 4 apresenta, para cada falante, a quantidade de fórmulas de fechamento empregadas com cada operador.

TABELA 4: Ocorrências de fórmulas de fechamento por falante e operador nas entrevistas sociolinguísticas

Falante	ISSO	ASSIM	Total	Falante	ISSO	ASSIM	Total
AP	0	0	0	VB	1	7	8
PT	0	0	0	RH	8	1	9
EH	2	0	2	RI	10	0	10
AC	1	2	3	FH	11	0	11
GS	3	1	4	GP	10	1	11
AH	1	4	5	AS	9	4	13
TE	1	4	5	ZM	13	1	14
MY	6	0	6	PE	15	1	16
MX	1	6	7	FB	18	8	26
TJ	6	1	7	AB	2	31	33

Observando os resultados da tabela 4, vê-se que não houve um padrão único de distribuição do uso dos operadores entre os falantes: quatro (4) falantes utilizam apenas o operador “isso”, sete (7) o utilizam majoritariamente, utilizando “assim” apenas uma vez, e seis (6) utilizam “assim” majoritariamente, somente utilizando “isso” uma ou duas vezes. O fato de haver uma tendência a cada falante usar majoritariamente um dos dois operadores pode corroborar a hipótese de que essas estruturas são, de fato, formulaicas.

Outro fator que corrobora a interpretação dessas estruturas como formulaicas é a possibilidade de serem realizadas apenas com o verbo cópula e um dos operadores (“é isso” ou “é assim”). A tabela 5 apresenta, para cada falante, a quantidade de fórmulas de estrutura sintagmática simples (cópula + operador) junto à quantidade de fórmulas de estrutura sintagmática mais complexa.

TABELA 5: Ocorrências de fórmulas de fechamento segundo configuração estrutural nas entrevistas sociolinguísticas

Falante	Simples	Compl.	Total	Falante	Simples	Compl.	Total
AP	0	0	0	VB	0	8	8
PT	0	0	0	RH	0	9	9
EH	0	2	2	RI	0	10	10
AC	2	1	3	FH	2	9	11
GS	3	1	4	GP	9	2	11
AH	3	2	5	AS	0	13	13
TE	2	3	5	ZM	0	14	14
MY	3	3	6	PE	5	11	16
MX	3	4	7	FB	10	16	26
TJ	3	4	7	AB	3	30	33
Falante	Simples	Compl.	Total				
TOTAL	46	144	190				
%	23.2%	75.8%	100%				

Sendo assim, 46 das 190 fórmulas encontradas apresentavam estrutura simples. As 144 que apresentavam estrutura mais complexa puderam ser divididas em três grupos: (1) fórmulas que continham em seu interior um comentário metadiscursivo, como em “*é só isso que eu queria dizer*”; (2) fórmulas que faziam referência ao tópico discursivo antes desenvolvido, como em “*assim funciona hã (.) forró*”; e (3) fórmulas sem esses elementos, como em “*pra nós isso que funciona*”. A tabela 6 apresenta a quantidade de fórmulas de fechamento de estrutura mais complexa, para cada falante, divididas entre esses três tipos.

TABELA 6: Ocorrências de fórmulas de fechamento de estrutura mais complexa nas entrevistas sociolinguísticas

Falante	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Falante	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3
AP	0	0	0	VB	1	3	4
PT	0	0	0	RH	4	5	0
EH	2	0	0	RI	0	6	4
AC	0	1	0	FH	4	4	1
GS	1	2	0	GP	1	1	0
AH	2	0	0	AS	5	5	3
TE	0	2	1	ZM	4	6	4
MY	1	1	1	PE	5	4	2
MX	1	2	1	FB	2	6	8
TJ	0	3	1	AB	0	20	8
Falante	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3				
TOTAL	33	73	38				
% sobre 190	17.4%	38.4%	20%				

Como é possível verificar na tabela 6, a estrutura mais comum encontrada nas fórmulas de fechamento presentes nas entrevistas sociolinguísticas é retomar algum elemento do tópico discursivo precedente, o que caracteriza 73 dos 190 casos. A presença de comentários metadiscursivos ocorreu em 33 dos casos, e na maior parte das vezes, com verbos relacionados ao tratamento do tópico (TRAVAGLIA, 1991, p.206)¹³, como “*acho*”, “*penso*” e “*vejo*”.

Tendo em vista o número considerável de ocorrências de fórmulas de fechamento em final de turno, junto à predominância de fórmulas que retomavam em seu interior elementos do tópico discursivo, fortalece-se a hipótese de que tais fórmulas apresentam-se como multifuncionais, podendo atuar tanto como marcadores linguístico-discursivos de delimitação

¹³ A classificação proposta por Travaglia (1991) considera como elementos de ordenação textual, relacionados a estratégias de coesão, os verbos enunciativos, tal qual “*é só isso que eu queria dizer*”; e os verbos de tratamento de tópico, exemplificados em “*é isso que tô vendo*”.

tópica, quanto como deixas linguísticas que podem sinalizar o processo de passagem do turno conversacional.

5.2. NO MATERIAL AUDIOVISUAL COLETADO

Nos materiais audiovisuais, foram encontradas 19 fórmulas de fechamento, presentes em 3 das 6 interações. A tabela 7, abaixo, apresenta o número de ocorrências de fórmulas de fechamento encontradas em cada vídeo. A ordem de apresentação na tabela se organiza segundo o número crescente de ocorrências de fórmulas.

TABELA 7: Ocorrências de Fórmulas de Fechamento nos materiais audiovisuais coletados em plataformas de livre acesso

Material	Tempo	Procedência	Fórmulas de Fechamento
Entrevista com Ninawa Hunicuí - Líder do Movimento Indígena em 19 04 2012 Bloco 3	10m 48s	Youtube	00
Entrevista no programa PLANETA ACRE - 23/6/2017	15m 23s	Youtube	00
I PARTE - LIVE PREMIAÇÃO da I RIFA do LIVRO UNA ISI KAYAWA 09/08/20	55m 19s	Instagram do grupo ReluzArt	00
Fala de Antônio Ikamuru	04m 26s	Youtube	01
Busca da visão - Apresentação dos Kaxinawa	10m 29s	Youtube	04
Através - Entrevista Mam de SP	41m 39s	Youtube	14

Na entrevista de Ninawá ao programa da TV Gazeta do Acre, assim como na entrevista de Zezinho Yube ao programa da rádio Planeta Acre e na Live do Livro de Cura Una Isi Kayawa, não foi encontrada nenhuma fórmula de fechamento. No primeiro caso, cabe ressaltar que a distribuição e o (re)direcionamento de tópicos discursivos foram controlados, de forma clara, pelo entrevistador. Além disso, muitos dos turnos de fala de Ninawá foram interrompidos por ‘assaltos’ do jornalista. Sendo assim, não podemos afirmar que o líder indígena Ninawá tenha, deliberadamente, deixado de adotar fórmulas de fechamento de tópico e turno.

Os excertos 14 e 15 ilustram o alto grau de controle exercido pelo entrevistador na dinâmica de troca de turnos e no desenvolvimento dos tópicos discursivos por meio de alguns exemplos de assalto ao turno e de redirecionamento do tópico.

Excerto 14:

1 (Ninawá) [...] inclusive o produção de documentos que foi
 2 encaminhado para Brasília (.) né que foi entregue a/ as
 3 pauta de reivindicação que são os três trema/ três tema
 4 tirado (.) principais hoje pelas lideranças indígenas né
 5 (Alan Rick) Antes que você me fale quais são esses temas
 6 eu quero aqui apresentar (.) ((virando-se para a câmera))
 7 as lideranças indígenas que vieram junto aqui com o
 8 Ninawá (.) Huni Kuí aqui no programa (.) o Geraldo (.)
 9 Jeminawa [SIC] que é:: coordenador da OCAEJ (.) que é a
 10 organização (.) do povo Jaminawa (.) a Lucila Nawa (.)
 11 que tá aqui também conosco que é representante (.) é (.)
 12 do povo Nawa (.) o (.) Bainawá Huni Kuin que é presidente
 13 do centro espiritual do povo Huni Kuin da região do
 14 Envira (.) e o professor Kaã que é também membro do
 15 centro espiritual do povo (.) e: Huni Kuin da região do
 16 Envira eles estão aqui vieram participar também (.) é:
 17 deste movimento e vieram aqui acompanhando (.) o Ninawá
 18 (0.22) ((batida na pauta de papel)) ((Alan vira para
 19 Ninawá)) e você falou desses três temas que foram (.)
 20 levantados (.) né o que que ficou então acordado diante
 21 dessas reivindicações de vocês?

Excerto 15:

1 (Ninawá) [...] a gente tem debatido (.) que se precisa
 2 ter uma atenção do estado no geRAL nas comunidades
 3 indígenas de uma forma geral no estado [porque a maioria
 4 tão pasando]
 5 (Alan Rick) [e seriam QUANTas]
 6 comunidades que precisam desse apoio (.) na área de
 7 saúde?
 8 (Ninawá) olha nós temos mais de trintas terras indígena
 9 com (0.43) mais de de de duzentas aldeias no estado do

10 Acre e que tão passando por esse problema ALGUmAs (.) é
 11 tem (.) são mais (0.45) é::: (.) tem u[ma:: estrutura
 12 melhor] =
 13 (Alan Rick) [tem uma estrutura
 14 melhor]
 15 (Ninawá) = né então que pode prestar um:: melhor,
 16 atendimento
 17 (Alan Rick) por exemplo uma uma umas uma:: (0.51) uma uma
 18 uma comunidade seria a base pra ajudar as outras (.) né/
 19 programas (.) como o saúde itinerante (.) não tem chegado
 20 às aldeias? (0.20)
 21 (Ninawá) o:: saúde itinerante, ele:: [...]

No excerto 14 há um exemplo claro de assalto ao turno de fala por parte do entrevistador, nas linhas 5 e 6, uma vez que este toma a palavra, dizendo “antes de que você me fale quais são esses temas”. Há também a interrupção da progressão do tópico discursivo que estava sendo desenvolvido por Ninawá, para que o jornalista pudesse apresentar outras lideranças indígenas que também estavam no estúdio, mas fora do alcance da câmera no decorrer da entrevista. Vale notar, ainda, que Ninawá só retoma o controle do turno de fala quando o jornalista decide passar para ele o turno por meio de uma pergunta.

Já no excerto 15, é possível verificar outro episódio de assalto ao turno, dessa vez de forma mais abrupta, levando inclusive a uma sobreposição de falas. Nas linhas 4 a 7, o jornalista Alan Rick assalta o turno de Ninawá, lançando uma pergunta sobre o número de comunidades que precisam de assistência na área da saúde. É possível verificar, ainda, nas linhas 17 a 20, um movimento de redirecionamento do tópico discursivo, quando o jornalista faz um comentário acerca da colocação de Ninawá e aproveita, logo em seguida, para inserir uma pergunta sobre o programa saúde itinerante.

A atuação do jornalista no sentido de assaltar ao turno de seu interlocutor e/ou redirecionar o tópico discursivo foi recorrente ao longo dessa interação, havendo outros cinco momentos de assaltos ao turno de Ninawá e outras cinco ocasiões em que o jornalista dirigiu claramente a progressão dos tópicos discursivos. Essa especificidade é interessante de ser ressaltada porque ela pode ter alguma relação com a ausência de fórmulas de fechamento na interação, já que, em diferentes momentos, os turnos de fala de Ninawá eram assaltados e os

seus tópicos redirecionados antes que ele pudesse finalizá-los, ou seja, exatamente nos contextos em que costumam aparecer as fórmulas de fechamento nas entrevistas sociolinguísticas, o participante Kaxinawá tem seu escasso poder para fechar os turnos e/ou tópicos.

É notável, no entanto, que em duas interações nas quais os participantes Kaxinawá gozavam de relativo domínio e poder sobre a gestão dos seus turnos de fala e dos tópicos discursivos, não houve ocorrências de fórmulas de fechamento. Isso reforça também a ideia de que as fórmulas de fechamento não são estruturas de uso obrigatório nas interações, podendo ou não ser empregadas pelos falantes Kaxinawá.

No discurso construído por Ikamuru, por sua vez, aparece uma fórmula de fechamento de tópico, análoga em termos de forma e função às identificadas nas entrevistas sociolinguísticas, como é possível ver no excerto 16.

Excerto 16:

1	(Antonio Ikamuru) [...] com certeza eu vou lhe convidar
2	vocês ainda vocês vão conhecer lá no Acre lá na minha
3	aldeia (.) lá onde eu moro lá onde o Huni Kuin mora é só
4	isso que é nosso trabalho sempre/ sempre eu comecei
5	trabalhar pesquisar/ comecei de pesquisar com/ com/ com
6	trinta e poucos anos de idade [...]

Neste excerto, é possível identificar nas linhas 3 e 4 a fórmula de fechamento “é só isso que é nosso trabalho”, que divide, de um lado, o convite que Antonio está fazendo aos seus interlocutores e, de outro, uma retrospectiva sobre o momento em que ele começou a trabalhar. Ficam marcados, neste caso, dois tópicos discursivos diferentes, separados justamente pela fórmula de fechamento.

Na quinta interação da tabela, foram encontradas 4 fórmulas de fechamento, sendo 3 delas realizadas por Txuã e uma delas empregada por Yukã. No excerto 17, abaixo, é possível ver as fórmulas de fechamento que foram utilizadas por Txuã.

Excerto 17:

1 (Txuã) [...] dos Huni Kuin (.) no qual nós temos os nosso
 2 médico com várias especialidade cada médico de cada terra
 3 indígena de cada terreiro de cada aldeia (0.7) e também
 4 (.) temo o nosso laboratório a nossas farmácia (1.14) **que**
 5 **hoje nós trabalhamos para isso.** respeitamos (0.52)
 6 (Nuno) Arumiã é um/ Arumiã de é é/ cê tava me falando que
 7 ele é erveiro né (0.52)=
 8 (Txuã) sim
 9 (Nuno) =e ele é o gran/grande especialista de [ervas]
 10 aqui da [floresta]=
 11 (Txuã) [sim]
 12 [sim]
 13 (Nuno) =porque na verdade quando a gente fala
 14 de química a gente tá falando também da/ do medicamento
 15 da comida de tudo isso
 16 (Txuã) é isso sim tudo isso (0.45) então esse/ essa
 17 organização tem esse objetivo né (0.31) tirar o nosso
 18 povo daquela situação né (0.48) você tá se
 19 desintortcando [sic] e procurando a fazer mais o natural
 20 (0.52) o cultural (.) o tradicional (1.72) realmente o
 21 valor que a terra tem (.) o valor que a natureza tem que
 22 a floresta tem e nós temo que dá esse valor que são a
 23 nossas moeda onde tá o nosso espírito é donde tá a nossa
 24 garantia a nossa sustentabilidade né (0.47) todo ar puro
 25 é donde tá a nossa saúde (0.79) e:: a gente tem feito
 26 grandes trabalho (.) com esse grupo de pajéres que tão
 27 nessa organização(0.66) e a gente viu (.) muitas coisa
 28 mudando muitas coisa sendo transformado e: hoje tamos
 29 (1.0) aí com a nossas medicina (0.62) (1.68) (0.17) com
 30 bastante: (2.73) testemunho a ser feito diante desse
 31 trabalho né pelo que já foram acontecidos os milagre que
 32 foram acontecido diante de todos os trabalho espiritual

33 | nosso (1.22) °**e a gente tem sucesso nisso aqui** e queremos
 34 | dizer pro/prá nós que a gente tamos aqui pra compartilhar
 35 | (0.96) e também
 36 | (Nuno) ((inicia com um aceno)) e/ eu acho que somos todos
 37 | um né (0.1)
 38 | (Txuã) samos todos um (.) tamos aqui pra compartilhar
 39 | (0.62) e dizer assim que nós precisamos de ajuda (.) pra
 40 | inspiração de tudo esse planeta que nós temos (0.84)
 41 | dessas espiritualidade dessas medicina sagrada dessa
 42 | terra dessas vertente das nossa samaúma das nossas fonte
 43 | de água (.) enfim (0.44) dos animais que tão (.) na
 44 | floresta também que a gente também têm contato com eles
 45 | (.) **e é isso**(0.71)
 46 | (Nuno) esse aqui pra quem não sabe é um / (.) é um
 47 | guerreiro na verdade né é uma pessoa que passou parte da
 48 | su/ pelo que ele tava falando cinquenta anos de
 49 | militância né? (0.14)

Nas linhas 4 e 5 é possível identificar a fórmula de fechamento “que hoje nós trabalhamos para isso.”, finalizada com uma entonação descendente que a separa do “respeitamos” que vem após. É interessante que esta fórmula de fechamento parece indicar, exatamente pela presença de um enunciado depois dela, o fecho do tópico discursivo “organização do trabalho de pajé”. No entanto, Nuno aproveita a fórmula como uma deixa para tomar o turno de fala e continua desenvolvendo o tópico em questão, o qual também é desenvolvido por Txuã, posteriormente. Mais adiante, vemos, na linha 33, a fórmula de fechamento “°e a gente tem sucesso nisso aqui” que é pronunciada de forma mais baixa que os enunciados adjacentes. Essa fórmula parece estar atuando também como um delimitador de tópicos discursivos, finalizando outra vez o tópico “organização do trabalho do pajé” que foi continuado por Nuno, e marcando o início do um novo tópico “compartilhamento do conhecimento tradicional”. Por fim, na linha 45, encontramos a fórmula “e é isso”, que coincide com a finalização do turno de fala de Txuã, podendo atuar, aqui, como uma sinalização de uma passagem de turno para Nuno.

A outra fórmula de fechamento encontrada foi empregada por Yukã e pode ser vista nas linhas 9 e 10 do Excerto 18.

Excerto 18:

1 (Yukã) [...] que hoje eu, como (.) Yukã tá sendo/
 2 trazendo/deixando essa experiência para os meus neto,
 3 para os meus sobrinho, para os meus filho né (0.38) que
 4 se eles se interessa por esse lado porque já acabaram com
 5 tudo (0.4) além de que a gente tem (.) tamo sendo
 6 discriminado tamo sendo preso por causa do nossa medicina
 7 tradicional) da nossa floresta (1.34)
 8 (Nuno) A fa/ as grandes farmacêuticas não querem né
 9 (Yukã) não querem (.) não querem (.) não querem. >então é
 10 **isso** eu sinto muito (.) né que (.) é::(0.32) (0.96) eu
 11 tenho cinquenta anos de militar (0.15) dentro desses
 12 cinquenta ano tô repassando para meus jovem que hoje tão
 13 se superando numa luz/ claro que pode chegar hoje no
 14 alcance de antes que vivia (.) o povo dele (0.61)
 15 na/dessa terra (0.49) pros aluno (.) e/ e pra eles
 16 sobreviver (.) porque o único eu tô chegando pra dar o
 17 conhecimento e experiência que eu tenho para meus jovem
 18 desse local (0.34) junto com nossos amigo de trabalho o
 19 apoio que a gente quer (1.49)
 20 (Nuno) Ótimo (0.38) [...]

Chama atenção que esta fórmula de fechamento é realizada logo após o turno inserido de Nuno, além de que seu início é acelerado, como sinaliza o símbolo “>”. Aqui a fórmula parece cumprir um papel de retomar o desenvolvimento do tópico discursivo, trazendo de volta o conteúdo presente na fala de Yukã antes do turno inserido de Nuno. Este caso é particularmente interessante, porque a fórmula parece cumprir uma função vinculada à dinâmica de troca de turnos, mas não sinalizando o fim de um turno de fala. No entanto, como este foi o único caso encontrado de fórmula nesse contexto, não me parece prudente dizer

categoricamente que essa é, também, uma das funções que as fórmulas de fechamento podem desempenhar no fluxo da interação, sendo necessário, para isso, maiores investigações.

Na última interação analisada, que ocorreu no MAM de São Paulo, foi possível identificar um número consideravelmente maior de fórmulas de fechamento. Das 14 fórmulas identificadas na análise, uma foi empregada pelo participante Banê e as outras 13 pelo participante Ibã. A fórmula de fechamento usada por Banê é estruturalmente simples, sendo constituída apenas pelo verbo cópula “ser” junto ao operador isso, sob a forma “é isso” e marca o fim de um dos seus dois turnos de fala na interação, como é possível verificar na linha 6 do excerto 19.

Excerto 19:

1	(Txaná Banê) sim (.) meu nome é Txaná Banê (0.60) eu::
2	moro na aldeia (.) Independência (.) Independência
3	município de Jordão Acre (0.27) sou professor de artista
4	de pintura principalmente eu trabalho as pintura (.) as
5	significado das das música que meu pai de fazendo essa
6	pesquisa (1.05) então (0.70) é isso

Enquanto a fórmula usada por Banê parece marcar a finalização do seu turno de fala, as expressas por Ibã não coincidem, em sua grande maioria, com uma fronteira de turno, havendo apenas duas delas que aparecem nessa posição. É preciso apontar, além disso, que uma das ocorrências coincide com um assalto ao turno de fala de Ibã por parte da mediadora do evento, como é possível verificar no excerto 20, já usado como exemplo anteriormente e retomado abaixo.

Excerto 20:

1	(Ibã) [...] falar de parceria TROca de experiência(.)
2	quem que fala troca de experiên/ hoje eu tô falando é
3	assim que (.) é assim que troca de experiência né [assim
4	que parceria]
5	(Mediadora) [e é
6	muito importante] vocês na [INC] né dentro do MAM também

7 com:: reconhecimento (0.45) é:: (.) de todas as artes de
 8 tá todo mundo junto né (.) e (.) vocês tão bem na entrada
 9 o que que vocês acharam de tá ali NESSE lugar ocupando
 10 ESSE lugar (0.25) dentro dessa exposição? (0.69)

Como se pode notar nas linhas 3 e 4 do excerto acima, Ibã emprega uma fórmula de fechamento que inclui referências diretas ao tópico discursivo “troca de experiência/parceria”. No entanto, a mediadora assalta o turno de Ibã antes que ele chegue a concluir, efetivamente, sua fórmula de fechamento. É plausível supor que a própria parcela inicial da fórmula “é assim que, é assim que troca de experiência né”, finalizada com o marcador discursivo “né” possa ter sido interpretada como uma deixa pela mediadora, o que configuraria um assalto ao turno com deixa, de acordo com a categoria proposta por pesquisadores como Galembeck (1995). Dessa forma, não é possível categorizar, sem ressalvas, esta ocorrência como uma autêntica fórmula de fechamento de turno.

Diversamente, não há lugar para dúvidas no caso da outra ocorrência de fórmula de fechamento associada ao encerramento de um turno de fala de Ibã. Incluindo uma reiteração do operador “isso”, a fórmula de fechamento “isso, isso que eu tô fazendo, sentido isso que eu tô fazendo esse trabalho” aparece nas linhas 7 e 8 do excerto 21.

Excerto 21:

1 (Ibã) [...] essa não tá (.) FEItO (.) não tá:: (.) pronto
 2 não (.) e da/ essa aqui/ início a gente tava (.) eu tô
 3 fazendo só o início (.) abrindo o caminho (.) e vamo lá
 4 agora vamo fazer novo gerações que eu vou fazer
 5 compreendendo (.) e fazer mais outro moderna (0.5) mas
 6 MESmo conversa (.) mas faz outro moderna vamo [INC]
 7 **isso(.) isso que eu tô fazendo (.) sentido isso que eu tô**
 8 **fazendo esse trabalho** (6.00)
 9 (Mediadora) muito obrigada [...]

Após a enunciação da fórmula de fechamento por Ibã, há um silêncio que dura seis segundos, antes da tomada do turno por parte da mediadora, o que corrobora a interpretação desta fórmula como sendo de fechamento de turno.

Conforme indicado mais acima, as outras 11 fórmulas de fechamento usadas por Ibã ocorreram no interior de seus turnos de fala e muitas parecem desempenhar o papel de fórmulas de fechamento do tópico ou subtópico discursivo, a exemplo daquelas observáveis nas passagens transcritas nos excertos 22 e 23, a seguir:

Excerto 22:

1 (Ibã) [...] hoje tá o/ essa música tá viajando (.) já (.)
 2 no mundo inteiro (.) antes de eu viajar (.) eu fez o
 3 material (.) fez (.) uma (.) caderno de pesquisa (0.22)
 4 depois dis/ distribuindo pra comunidade (.) nós temos
 5 doze terra de distribuiu doze terra (0.70) praticamente a
 6 gente tem (.) a língua essa (.) então é essa língua tão
 7 ligação nessa (0.20) é:: (.) do Ayahuasca música da
 8 Ayahuasca (.) essa música da Ayahuasca nós tamo TRATANDO
 9 dentro de nós (.) é própria nós mesmo (.) é própria NOssa
 10 língua é própria nossas história (.) **é isso que a gente**
 11 **tava trabalhando em cima disso hoje (.)** é agora tá::
 12 mostra (.) é/ é parceria como você fala (.) e (.) também
 13 coletivo tô trabalhando a pintura (.) coletivo e o/ cada
 14 vez mais esse coletivo que eu tô trabalhando essa pintura
 15 (.) [...]

Excerto 23:

1 (Ibã) [...] aí a gente/ o/ é/ nós trabalha muito como
 2 você viu lá tr/ o trabalho que nós iniciamos ESSA já é o
 3 MITo que onde vinha (.) a bebida sagrada tra/ é/
 4 transformou (.) junto com a música a bebida né (.) **aí**
 5 **isso que nós tamo fazendo agora (.) aqui no (.) no MAM**
 6 (0.11) é:: a música que (.) eu canta muito ele me encanta
 7 muito também é essa (.) ((Ibã inicia o canto))[...]

Nas linhas 10 e 11 do excerto 22, Ibã utiliza a fórmula de fechamento para encerrar o tópico “música” e, em seguida, dar início ao tópico “mostra/parceria”. Já nas linhas 4 e 5 do

excerto 23, Ibã marca, com a fórmula de fechamento, a suspensão do tópico mostra/parceria e começa um cântico de reza Kaxinawá. É interessante levar em conta que, nas duas passagens em que Ibã vai da exposição de suas ideias e argumentos para o canto em Kaxinawá, figuram fórmulas de fechamento, como também ilustram as linhas 5 e 6 do excerto 24, logo abaixo.

Excerto 24:

1	(Ibã) é último::: fechamento esse trabalho né (.) essa
2	abertura a gente vai [INC] um trabalho que tá fechado né
3	(.) é o:: da música né (.) é:: (.) vem o vento (.)
4	quebrando a dessas (.) que folha mais/ mais Velho folha
5	seco (.) e deixando folha (.) verde (.) a música que fala
6	é isso né (.) ((Ibã inicia o canto)) [...]

Neste excerto, Ibã fornece explicações acerca da música, em um processo batizado por ele de “pôr/ colocar/ botar no sentido” (v. MATTOS; HUNI KUIN, 2017) antes de cantá-la. A fórmula de fechamento do excerto 24, assim, opera uma espécie de transição entre a atividade de “pôr no sentido” e a performatização do canto. Sobre o ato de “pôr no sentido” Ibã diz que:

[...] É isso que fala a linguagem do *nixi pae*. Não é tradução, eu estou botando o sentido para os estudantes, o meu povo sentir e acompanhar esses desenhos. Então, cada elemento tem uma explicação, cada desenho. Por isso que a gente tem o desenho mostrando essa música *txai puke dua*. *Puke* já vem do trabalho da mulher, mas ao mesmo tempo *puke dua* é o espírito dos animais, o *nixi*, chama quati. É isso que se relaciona nessa cantoria *txai puke dua*. (MATTOS; HUNI KUIN, 2017, p.78, itálicos adicionados)

Dessa forma, o ato de “pôr no sentido” se diferencia da tradução. É interessante, também, verificar a presença de duas fórmulas de fechamento também no trecho de Mattos e Huni Kuin (2017), em “É isso que fala a linguagem do *nixi pae*” e “É isso que se relaciona nessa cantoria *txai puke dua*”, cada uma escrita em um enunciado delimitado por ponto final.

6. CONCLUSÕES

Tendo observado as 209 fórmulas de fechamento levantadas através tanto das entrevistas sociolinguísticas, quanto dos materiais audiovisuais coletados, é possível dizer, devido à recorrência de uso dessas expressões por participantes Kaxinawá e da ausência praticamente total delas nas intervenções dos participantes não indígenas, que essas fórmulas

de fechamento parecem ser elementos próprios da cultura interacional dos Kaxinawá, mesmo quando falando português. Essa observação é reforçada pelo fato de existirem, nas narrativas tradicionais kaxinawá, estruturas similares em língua hãtxa kuin/kaxinawá.

A análise também permitiu postular que algumas das funções na interação e no discurso que são exercidas pelas fórmulas de fechamento são:

1) a delimitação de tópicos discursivos: o que também é corroborado não só pela existência de fórmulas no interior de um mesmo turno de fala, mas também pela ocorrência de fórmulas que retomam, em sua estrutura sintagmática, elementos do tópico discursivo desenvolvido;

2) a finalização de turnos de fala: devido não só ao fato de que muitas fórmulas se encontram em posição de final de turno, mas também pela ocorrência de fórmulas que apresentam menções explícitas à atividade discursiva e interativa;

3) a finalização de eventos comunicativos inteiros: esta função, ainda que menos recorrente, foi encontrada em algumas das entrevistas sociolinguísticas analisadas.

Devido à multifuncionalidade das fórmulas de fechamento, é possível encontrar também casos em que elas podem ter sido interpretadas pelo interlocutor não-indígena como sendo finalizadores de turnos, mas, através da observação da interação como um todo, é possível postular também que elas estivessem sendo usadas para delimitar um tópico de um turno que ainda estava se desenvolvendo. Nesses casos, as fórmulas puderam atuar como deixas para assaltos ao turno de fala de participantes Kaxinawá.

Vale ressaltar também a existência de cinco situações comunicativas em que não foram encontradas ocorrências de fórmulas de fechamento, sendo uma delas uma situação fortemente controlada pelo interlocutor não-indígena. Isso pode sugerir não só que as estruturas de participação das interações têm uma relação com a possibilidade de uso ou não, por parte dos interlocutores Kaxinawá, de fórmulas de fechamento, mas também que as funções desempenhadas pelas fórmulas de fechamento no discurso e na interação podem ser realizadas através de outras estratégias.

Por fim, fica evidente a singularidade das fórmulas de fechamento como um importante traço discursivo-interacional do português falado pelos Kaxinawá, sendo, também, ao que tudo indica, um elemento constitutivo de sua identidade étnica, ao falar a língua portuguesa, em interações transculturais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, João Capistrano de. rã-txa hu-ni-ku-in. **A língua dos caxinauás do rio Ibuacú, afluente do Murú** (Prefeitura de Tarauacá). Rio de Janeiro: Typografia Leuzinger, 1ª edição, 1914.
- ALMEIDA, Maria Ariádina Cidade; CRUZ, Teresa Almeida. Protagonismo e Resistência do Movimento Indígena do Acre. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-Rio**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2016. p. 1-9.
- AMADO, Rosane de Sá. O português étnico dos povos Timbira. **Papia-Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, São Paulo, 25.1, p.103-119, 2015.
- BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. 1972. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. 2a ed. São Paulo. Loyola, 2013. p.85-106.
- BONIFÁCIO, Ligiane Pessoa dos Santos. **Contato Linguístico Tikuna-Português no Alto Solimões-Amazonas: Um Estudo sobre a Variedade de Português Falada por Professores Tikuna**. 2019. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Linguística), UFRJ.
- BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. A variedade étnica Português Xerente Akwe: subsídios para a educação escolar indígena. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 25, n. 1, p. 121-140, 2015.
- CAMARGO, Eliane; VILLAR, Diego (orgs.). **Huni Kuin Hiwepaunibuki. A história dos Caxinauás por eles mesmos. La historia de los Cashinahuas por ellos mismos**. São Paulo, Edições Sesc, 2013.
- CAVALCANTI, Marilda Couto. Interação guarani/não-guarani: Etnocentrismo naturalizado na questão do silêncio inter-turnos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 18, 1991.
- CHRISTINO, Beatriz. Gender agreement in Huni-Kuin Portuguese noun phrases. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 25, n. 1, p. 77-102, 2015.
- CHRISTINO, Beatriz. “Hoje não somos Huni Kuin só na nossa língua”: o português kaxinawá em interações transculturais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n(57.3), p.1486-1511, set./dez 2018.
- CHRISTINO, Beatriz; LIMA E SILVA, Moana de. Concordância verbal e nominal na escrita em Português-Kaingang//Verbal and nominal agreement in Portuguese-Kaingang texts. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 22, n. 2, p. 415-428, 2012.
- CHRISTINO, Beatriz; MATOS E SILVA, Amanda de. A expressão de plural em Português Huni-Kuin: um exame dos sintagmas nominais. **Letrônica**, Rio Grande do Sul, 10/1, p.30-45, 2017.
- CHRISTINO, Beatriz; PERES DA COSTA, João Pedro. “Só isso que é meu ideia”: fórmulas de fechamento como uma particularidade discursivo-interacional do Português Kaxinawá.

Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 12, n. 1, p. 87-105, 12 maio 2020.

CHRISTINO, Beatriz; PERES DA COSTA, João Pedro. O comportamento interacional de falantes de Português Kaxinawá: fórmulas de fechamento em diferentes situações comunicativas transculturais. In: Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo; Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi; Leidiani da Silva Reis; Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi. (Org.). **Línguas Indígenas: Linguística, Cultura e Ensino**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021, v., p. 103-132.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. Ed. Contexto, 2009.

ELAN. Versão 5.4. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. 2018. Baixado de: <<https://archive.mpi.nl/tla/elan>>

EMMERICH, Charlotte. **A língua de contato no alto Xingu. Origem, forma e função**. 278 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1984.

FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. 4a ed. São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1995. P.33-55.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. **word**, v. 15, n. 2, p. 325-340, 1959.

FERREIRA, Marília. Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos Parkatêjê. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 21, n. 1, p. 1-21, 2005.

GAGO, Paulo Cortes. **Apresentando a Linguística Interacional: Um Estudo da Relevância da Convergência em uma Reunião de Negociação na Cultura Portuguesa**. 2016. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro03/LTAA03_prof003.pdf> acesso em 27 de dezembro de 2021.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. 4a ed. São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1995. p.55-80.

GARCEZ, Pedro M. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, Mercado de Letras, 2002. P.83-95.

Geography the Environment Maps. Disponível em: <<https://scholarship.richmond.edu/geography-maps/>> Acesso em: 03 de julho de 2019

GOFFMAN, Erving. Footing. 1979. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. 2a ed. São Paulo. Loyola, 2013. p.107-148.

GUMPERZ, John. Sobre o Método Sociolinguístico Interacional In: FABRÍCIO, Branca Falabella. **Sociolinguística Interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos**. Mórula Editorial, 2020.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa – Instrumental de análise**. São Paulo: Parábola. 2007

IGLESIAS, Marcelo Manuel Piedrafita. **Os Kaxinawá de Felizardo: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 424, 2008.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. University of Pennsylvania press, 1972.

LAGROU, Elsje Maria. **Uma etnografia da cultura Kaxinawá: entre a cobra e o inca**. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/75772>> . Acesso em: 2 out. 2019.

LEAL, Ana Carolina Oliveira. **Exame de uma regra variável em português kaxinawá: a concordância de gênero no interior do sintagma nominal**. 2020. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras: Português-Francês) - UFRJ

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. O ensino de língua portuguesa nas escolas indígenas. In: **Em Aberto**. Brasília, ano 14, n.63, jul./set, 1994. p.69-77.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. **Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade**. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, 1996.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. Cultura internacional e ensino de línguas. **Revista do Instituto de Letras**, vol 17, n.1 e 2, p. 168-179, dez, 1998.

MANÁ KAXINAWÁ, Joaquim Paulo de Lima. Participação na Mesa **Línguas Originárias: Estratégias e ações de vitalização**, 21 janeiro 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zTL1mXLH_2Q> acesso em 27 de dezembro de 2021.

MATTOS, Amilton Pelegrino de; HUNI KUIN, Ibã. Por que canta o Mahku–Movimento dos Artistas Huni Kuin?. **GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia**, v. 2, n. 1, p.61-82, 2017.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia, SILVA, Myrian Barbosa da. **Um traço do português Kamayurá (um momento no processo de aquisição de uma nova língua)**. Universitas, n. 34, p. 93-93, 1985.

MEC/ Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, 1998.

MELIÁ, Bartomeu. La interculturalidad y la farsa del bilingüismo. **Revista Abehache**, v. 2, n. 2, p. 89-94, 2012.

PAGOTTO, Emilio Gozze. “Sociolinguística”. In: Pfeiffer, C. C. & Nunes, J. H. (Org.). **Introdução às ciências da linguagem – linguagem, história e conhecimento**, Campinas, Pontes. 2006. p. 49-72.

PHILIPS, Susan. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. 1976. In:

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs). **Sociolinguística Interacional**. 2a ed. São Paulo. Loyola, 2013. p.21-43.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. 2a ed. São Paulo. Loyola, 2013.

ROJAS-BERSCIA, Luis Miguel; PEREIRA, Douglas William; MEHINAKU KUIKURO, Makhulan. O português dos jovens da aldeia Afukuri. Notas sobre o contato linguístico no Alto Xingu. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 12, n. 1, p. 21-39, 7 maio 2020.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 7, n. 1 e 2, 2003. Tradução Original: SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. In: Studies in the organization of conversational interaction. Academic Press, 1978. p. 7-55.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães et al. Estudos em sociolinguística de contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. **Cadernos de linguística**. Campinas, SP. Vol. 2, n. 1 (jan. 2021), p. 1-28, 2021.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. **The ethnography of communication: An introduction**. 3a ed. Blackwell Publishing Ltd, 2003.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Aspectos da concordância de número no Português do Brasil**. **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português**, Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12, p. 37-49, 1994.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. Ática S.A. 3a edição. São Paulo. 1990.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. Tese de Doutorado UNICAMP/IEL Campinas, 1991. p 62-75.

THOMASON, Sarah G; KAUFMAN, Terrence. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Berkeley - Los Angeles: University of California Press. 1988.

Já me transformei em imagem. Realização: ONG Vídeo Nas Aldeias. Direção: Zezinho Yube. Edição: Ernesto Ignacio de Carvalho. [S.I.]: ONG Vídeo nas Aldeias, 2008. 32 min, color, estereo. Título original: Ma ê dami xina. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=26>>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. **Etnometodologia e análise da conversa**. Editora Vozes Limitada, 2015.

WINFORD, Donald. **An introduction to contact linguistics**. Oxford, Blackwell, 2003.